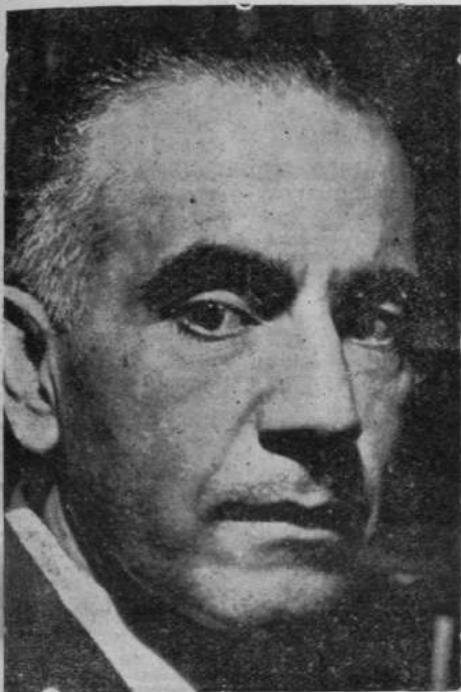




AURDESSE



"São os do Norte que vêm..."



O AUTOR DO MÊS — Com o aparecimento de «O Retrato», segundo volume da trilogia de Erico Verissimo, O TEMPO E O VENTO, cujo primeiro tomo, «O Continente», surgiu em 1949, o ano literário de 1951 não podia ter melhor remate. Em agradável e sugestiva apresentação da Editora Globo, «O Retrato» está sendo recebido como um acontecimento literário de repercussão nacional. Nele, o romancista gaúcho continua a história dos Terras dos Cambarás, de Santa Fé e do Sobrado abrangendo a época de 1909 a 1915, um dos períodos mais movimentados e interessantes da história política e social de sua província e do país.

Entrevistado a propósito desse novo romance, Erico Verissimo respondeu:

«A única coisa honesta que lhe posso dizer é que jamais escrevi um livro com tanto prazer como esse segundo volume de «O TEMPO E O VENTO».

Em sua recente passagem pelo Recife, Erico Verissimo anunciou, em palestra com os redatores desta revista, que, em 1952, começaria a escrever o terceiro e último volume de sua trilogia. E adiantou que, nesse próximo romance, a sua ação chegará até 1945. (Ver tópico e fotografias de Erico Verissimo no Recife, pgs. 2 e 4).

O "GRUPO DOS INDEPENDENTES"

ANTONIO GIRAO BARROSO

No "back ground" da pintura cearense talvez houvesse um mal estar qualquer, deante da quasi monotonia que vinha solapando (não sei se exagero um pouco) os seus alleres, tão sólidos e promissores há alguns anos atrás. Um torpor, que se caracterizava por uma grande falta de movimentação e interesse, lavava de tristeza e silêncio os nossos meios plásticos. Dormitavam os pintores placidamente, enquanto lá fora o mundo se agitava. Inclusive o mundo pictórico.

Depois do último "Salão de Abril", bastante sombrio aliás, quasi nada ocorreu, capaz de suscitar a curiosidade do público aficionado. A SCAP continuava vivendo uma existência de caracol, limitada pelas paredes outrora sujas e agora limpas de sua sede. Lá dentro, tudo se desenrolava também muito placidamente. Era como se a vida tivesse parado para os artistas plásticos do Ceará. Pintava-se um ou outro quadro, e para não dizer que existiam as exposições, uma realizou-se no Instituto Brasil-Estados Unidos, sob o patrocínio da "Pró-Arte".

Foi quando chegou Bandeira, que vinha do Rio, depois de ter passado vários anos em Paris. E começou, felizmente, a haver alguma agitação em torno dele, que afinal, instado pelos seus amigos, resolveu expor no Instituto Brasil-Estados Unidos. Sua presença em Fortaleza — está se vendendo agora, claramente — serviu também pa-

(Continua na pg. 2)

MANIFESTO DOS INDEPENDENTES

Artistas plásticos de todas as tendências políticas, religiosas e estéticas, irmanados no mesmo propósito de agitar a coisa artística tão relegada até agora pelos centros oficiais da pintura, da escultura e do desenho entre nós, resolveram estar reunidos para trabalhar pela presença artística do Ceará no concerto das atividades especializadas do Brasil. Esses artistas somos nós. Profundamente chocados com o marasmo reinante em nosso meio, no que se refere aos trabalhos artísticos, e achando, por outro lado, que tudo o que se vem fazendo é num sentido absolutamente nulo de padronização artística num nível excessivamente baixo, resolvemos fazer essa coisa que talvez pareça a muitos destinada de qualquer senso: dar um alto grau de intensidade a função dos pintores e artistas plásticos em geral de nossa terra.

Para isso estivemos reunidos, debatendo longamente os caminhos que deveríamos seguir. Nada do que fazemos será improvisado, sendo profundamente meditado e de acordo com uma diretriz de firme honestidade artística.

Chamamo-nos de "Grupo dos Independentes". Entre nós não haverá nenhuma coação mental, em qualquer sentido, inclusive no sentido da orientação de escolas, para isso aceitando como lícita qualquer procura artística, desde que o princípio da honestidade seja observado estritamente pelo seu autor. Não nos cingiremos a uma regra política, como não nos cingiremos a uma regra estética ou religiosa. No Grupo estarão elementos de todas as tendências que querem fazer alguma coisa, elevada do melhor interesse artístico, dentro das artes plásticas.

Por outro lado, para manter essa nossa independência, anunciamos a priori que desautorizamos qualquer movimento no sentido da proteção oficial, com dinheiro do governo, aos nossos trabalhos. Resguardamo-nos o direito da absoluta liberdade, para cujo respeito nos empenharemos até o limite extremo.

Isso porque a liberdade é a nossa condição essencial. Acreditamos que nada se poderá fazer senão à margem de qualquer coação, seja ela exercida em que sentido for, estético ou político, e trabalharemos para que nossas telas, nossas esculturas e nossos desenhos sejam expressões do mais entranhado sentimento individual de cada um.

Tanto isso é verdade que, de inicio, concluímos que o "Grupo dos Independentes" se conservará num total ecletismo aceitando, para seus componentes, qualquer orientação artística, sempre dentro dos nossos propósitos de profundo respeito a um elevado espírito de sinceridade e honestidade.

Em meio da balbúrdia que se criou com o combate levado a efeito pelos chamados "modernistas" à arte antiga, advertimos, também, que, na verdade,

nada do passado deve e pode ser desprezado, a não ser aquilo que, dentro de sua própria época, deveria e poderia ter sido desprezado. Acalamos toda a ligação pronunciada pelos artistas plásticos anteriores a nós, sobre ela lançando a nossa contribuição pessoal, a fim de entregá-la, melhorada, às gerações futuras de pintores, escultores e desenhistas.

Se embargo, os componentes do Grupo demonstram, nessa oportunidade, o seu desejo de pesquisar sobre as artes plásticas, no intuito de encontrar fórmulas novas, capazes de conduzir o povo a um mais íntimo contacto com o que houver de absolutamente puro dentro dos conceitos estéticos das artes plásticas.

Achamos, assim, que a incompreensão reinante em torno da chamada "arte moderna", arte que expressa perfeitamente esse enunciado de pu-

reza a que nos referimos, se deve exclusivamente a uma falta de educação artística, que pretendemos levar a efeito, através de exposições, explicações e conferências, numa constância capaz de lançar as raízes de um prolongado movimento de arte entre nós. No sentido da educação do povo, evitaremos, dentro de qualquer escola, o fácil e o impropositado e fugiremos, como de uma coisa fatal aos nossos propósitos de bem servir à Arte, a qualquer espécie de arte vulgar, acomodaticia e inexpressiva. Denunciaremos, para isso, todo processo de pintura "cartão postal", feita para agrado de certa classe de admiradores absolutamente destituídos de qualquer espírito crítico e de qualquer educação artística.

O povo deve participar espiritualmente de nossa arte, seja ela vasada nos moldes acadêmicos ou modernistas, abra-

(Continua na pg. 2)



O "GRUPO DOS INDEPENDENTES" DO CEARÁ:
Pintores Antônio Girao Barroso, Goebel Weyne, Floriano Teixeira, Hermógenes Gomes da Silva, e
repórteres Jairo Martins Bastos e Jenon Barreto

TÓPICOS

CENTENÁRIO DE PEREIRA DA COSTA

Pernambuco comemora, este mês, o centenário de nascimento do historiador Francisco Augusto Pereira da Costa, trabalhador infatigável que deixou uma obra de grande valia para os estudiosos da história pernambucana e nacional.

Homem modesto na tarefa a que se propôs durante os seus anos de atividade intelectual entre o fim do Império e começos da República, Pereira da Costa sempre se mostrou fiel à sua vocação de pesquisador da história, do folclore, da literatura de seu Estado, deixando um acervo intelectual dos mais ricos e admirados.

Autor de um "Dicionário Biográfico de Pernambucanos Ilustres", de um "Vocabulário Pernambucano", de um trabalho de pesquisa e crítica como o "Folclore pernambucano" e de inúmeros outros — monografias, estudos literários, comunicações históricas, etc., o grande historiador pernambucano deixou também, inédito, os seus "Anais Pernambucanos", onde a história de seu Estado foi pacientemente anotada desde 1493.

O Governo do Estado, por intermédio do Arquivo Público, iniciou a publicação dos "Anais", cujo primeiro volume vai circular justamente no dia do centenário de nascimento do seu autor. Outras solenidades foram programadas nas comemorações oficiais como conferências, aposição de uma placa na casa onde nasceu Pereira da Costa, encerrando-se as homenagens comemorativas com uma conferência do escritor Câmara Cascudo no Teatro Santa Isabel.

Por sua vez o Liceu de Artes e Ofícios, onde Pereira da Costa iniciou as suas atividades intelectuais, o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, seu ambiente preferido, e a Academia Pernambucana de Letras, de onde era membro ilustre, associando-se às comemorações oficiais realizaram uma sessão em conjunto em que exaltariam a vida, o exemplo e o valor do historiador pernambucano.

NORDESTE, presente às homenagens, publicará no seu próximo número farto material sobre as comemorações, associando-se, assim, aos que reverenciam a memória do grande e simples humano e bom homem de letras que foi Francisco Augusto Pereira da Costa.



ÉRICO VERÍSSIMO NO RECIFE

O Recife recebeu, em principios de novembro, a visita do romancista gaúcho Érico Veríssimo que pronunciou duas conferências nesta cidade. Na Faculdade de Direito, da Universidade do Recife, Érico Veríssimo foi saudado pelo estudante Abdias Moura e pelo escritor Olívio Montenegro. Em seguida, com admirável simplicidade, discursou sobre o tema «Confidências de um romancista perante numeroso público que superou o salão nobre daquela tradicional casa de cultura do país. E na Faculdade de Filosofia, após ter sido saudado pelo nosso companheiro, Aderbal Jurema, o autor de «O Tempo e o Vento» falou por mais de uma hora sobre as tendências do romance contemporâneo, tendo sido aplaudido por mais de trezentas universitárias.

Outras homenagens Érico Veríssimo recebeu no Recife, des tacando-se a do Iate Clube e a receção do casal Berlovitz.



O novo livro de poemas de José Tavares de Miranda

O "Jornal do Comércio" noticiou que, em edição "Nordeste", aparecerá ainda este ano o novo livro de poemas — PASSO DA MEMÓRIA — do poeta pernambucano José Tavares de Miranda, atualmente residindo em São Paulo.

"Passo da Memória" traz uma carta-prefácio do romancista e poeta Oswald de Andrade.

José Tavares de Miranda, autor de "Poemas", "Galhos dos Infernos", "Alambôa" e outros, reafirma, nesse livro, as suas grandes qualidades de poeta maior que não se perdeu no meio da quantidade de livros de poesia que têm aparecido ultimamente. Editando o seu livro pela revista "Nordeste", o poeta pernambucano quis dar um testemunho de sua ligação sentimental com o Recife que nunca esqueceu.

OTELO, pelos Estudantes

O Teatro do Estudante de Pernambuco, numa ocasião das mais louváveis, representou para o público recifense a peça de Shakespeare — OTELLO. O MOURE DE VENEZA. E os descrentes do êxito do TEP em tão arrojada iniciativa ficaram rendidos à evidência diante da admirável representação que assistiram. O conhecido conjunto estudantil recifense soube, na verdade, desempenhar-se não sómente com brilho, mas sobretudo com originalidade, na velha peça do repertório shakespeariano.

Com muito bem concebidos cenários de Aloísio de Magalhães e sob a direção arguta de Hermílio Borba Filho, os intérpretes de OTELLO estiveram magníficos.

NORDESTE que nunca regista aplausos ao TEP, dessa vez saiu o público recifense

pela oportunidade felicíssima que teve de ver e aplaudir mais uma grande realização dos jovens amadores pernambucanos. E esta saudação procura justamente dar uma idéia da última recepção que teve a representação do TEP entre nós.



O PROGRESSO

Graças ao trabalho do historiador Amaro Quintas acaba de ser redigida a revista "O Progresso" de Antônio Pedro de Figueiredo, o "Cousin Fuzco". Numa edição de quase 100 páginas, redigida em Goiás, o Governo do Estado de Pernambuco, "O Progresso" traz um prefício do sr. Amaro Quintas que é um admirável ensaio sobre a atuação de Antônio Pedro de Figueiredo na vida social, literária e científica do Recife, no sec. XIX.

Ainda há pouco, "Mercure de France" destacava a importância dessa edição em nota muito significativa para o meio cultural pernambucano.

"CACHAÇA", será lançado ainda este mês

Em edição NORDESTE será lançado ainda este ano o livro de contos do sr. Francisco Julião, intitulado "Cachaça", com ilustrações de Ladjane e prefácio do sr. Gilberto Freyre.

O livro de contos regionais do sr. Francisco Julião marcará, sem dúvida, um acontecimento literário na província.

Notícias literárias

* Os suplementos locais continuam a prestar o seu inestimável serviço às leituras provincianas. No do "Diário de Pernambuco", Mauro Mota continua, com o mesmo entusiasmo de sempre e com a atividade de sua inteligência arguta, a descobrir valores e a incentivar os escritores pernambucanos, numa tarefa que merece a nossa mais fraterna admiração. No do "Jornal do Comércio", Esmaragdo Marroquim, britânico, mesmo lúcido, vem apresentando movimentados e bons números de seu suplemento. E no da "Folha da Manhã" aparece Cezar de Melo assinando um roda-pé de críticas literárias.

* A conhecida "Revista Branca" de Saída Coelho, em formato de jornal, desde novembro passou a circular mensalmente. Nessa nova fase, "Revista Branca" diz que, "ao adquirir este formato de jornal, dos objetivos é tornar-se um veículo de cultura acessível ao grande público..." Louvável, portanto, a iniciativa dos que fazem esse menúdio de literatura e arte, editado no Rio de Janeiro.

* A revista "Sul", de Floripa, reduziu o formato, passando a circular em forma de livro. Boa colaboração e bom ilustrado.

* Continua a circular pontualmente o "Jornal de Letras" dos irmãos Condé. Com uma variedade e encantada colaboração, assinada pelas figuras mais representativas das nossas letras, o menúdio carioca mantém a mesma linha de cultura do seu primeiro número. Entreistas movimentadas, ensaios, poesia, notícias, reportagens, ilustrações, e ainda mais a lucidez de seus diretores, fazem do "Jornal de Letras" uma publicação de primeira plana na literatura brasileira.

* Salu o primeiro número da revista "Orientação" que é dirigida pelo sr. Clóvis Melo e editada no Recife.

OS NOVOS

"Folha da Manhã" noticiou que se movimentam Edmír Regis, Carlos Pena Filho, Ewaldi Coimbra de Melo, Samuel Mac Dowell, filho e outros dos mais novos escritores, ensaiistas e poetas pernambucanos em torno de uma revista que traduz a mensagem de sua geração.

Separação da "Camoneana da Biblioteca Pública de Pernambuco"

A revista NORDESTE vai editar, em separado, o trabalho do escritor Gláucio Veiga, publicado neste presente número.

Trata-se de um estudo bem cuidado da "Camoneana" que se encontra no riquíssimo acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e que o ônibus arguto de pesquisador do sr. Gláucio Veiga agora divulga para o público leitor.



"CULTURA", N. 4

Esta é em circulação o n.º 4 da revista "Cultura", edição do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, dirigida pelo sr. José Simeão Leal.

No presente número, "Cultura" publica trabalhos de José Souza Reis, Leopoldo Castedo, Werner Kemper, Herbert Balduz, Euryaldo Canabrava, L. A. Costa Pinto, Gilberto Freyre, João Augusto de Araújo, Paulo Rónai, Roger Bastide, Djacir Meneses, Darcy Pinheiro e Ernest Chesneau, além de comentários bibliográficos assinados por Jorge de Lima, Luiz Delgado, Fábio Alves Ribeiro, Luis Cosme, Otto Maria Carpeaux, Lédo Ivo, Roquette Pinto e outros.

Com o mesmo padrão gráfico dos números anteriores, reproduções fotográficas e ilustrações, "Cultura" apresenta assim com uma colaboração das mais elevadas no cêndrio das lettras nacionais.

PINHEIRO MACHADO E SEU TEMPO

Do escritor pernambucano Costa Porto, a Livraria José Olympio acaba de publicar um livro de primeira ordem: "Pinheiro Machado e seu tempo". O autor procura fazer uma interpretação do político gaúcho à luz da sociologia e da história comparada, servindo-se, para isso, de uma cultura viva e segura que muito concorre para o êxito de sua tentativa de interpretação da figura singular da cidadão, servindo-se, para isso, de uma cultura viva e segura que muito concorre para o êxito de sua tentativa de interpretação da figura singular do caudilho — senador nos primeiros anos da República.

O livro do sr. Costa Porto, do qual publicamos em primeira mão um dos seus brilhantes capítulos, vem sendo muito bem recebido pela crítica nacional.

POEMAS DE JAYME GRIZ

Numa edição bem cuidada, com ilustrações de Lula Cardoso Ayres e Fialho de Oliveira, o poeta Jayme Griz acaba de lançar o seu livro de poemas "Rio Una", onde ao lado do folclore e da música de seus versos, captados diretamente nas fontes populares, reune também poemas e sonetos subjetivistas.

O livro de Jayme Griz é uma edição que merece ser adquirida.

Manifesto dos artistas cearenses

(Cont. da 1a. pg.)

da política ou sequer estética, acharmos que o máximo desfato dos que têm se responsabilizado pelas atividades artísticas entre nós até agora tem sido o esquecimento total daqueles que vão ver nossos trabalhos, descurando-se de sua educação e de sua capacitação a um entendimento mais alto das telas, das esculturas e dos desenhos que irão admirar.

Nosso propósito maior é, dessa maneira, fazer uma arte honesta, trabalhando para que ela seja compreendida e aceita pelo povo, único testemunho das nossas realizações, agora e indefinidamente.

Com esse Manifesto está fundado o "Grupo dos Independentes". Trabalharemos para que seus "desiderados" sejam cumpridos.

João Maria Siqueira
Antônio Bandeira
Hermógenes Gomes da Silva
Mário Barata
Ottoni Soares
Zenon Barreto
Floriano Telcelha
Barrica
Jonas Mesquita
Jairo Martins Bastos

O "GRUPO DOS INDEPENDENTES"

(Continuação da pg.)

ra despertar do marasmo a nossa pintura, ensejando a formação de um ambiente mais favorável a ela, que tudo indica vai tomar agora um novo impulso, com o aparecimento do "Grupo dos Independentes". Bandeira presente, foi motivo para o surgimento do grupo, que entretanto se pode dizer existia em potencial. Faltava uma alavancada, e talvez uma casa de campo... Zenon, Siqueira, Goebel, Hermógenes, Barata... estão plenamente pagos. O sonhado núcleo já existe.

Não deixem de ler o seu Manifesto, expressão candente de nosso tempo pictórico, que após um sem número de experiências e realizações toma talvez um rumo diferente, marcado por sinais evidentes de renovações estéticas. A essa renovação, que não pode deixar de implicar numa liberdade cada vez maior, aderem os integrantes do grupo, rejeitando qualquer forma de subordinação e obediência, partindo de onde partir, do Estado ou do dinheiro ou de onde quer que seja. Eles um programa dos mais legítimos, aclama de escolas e pequenas correntes que quasi sempre transitam com o tempo. Como diria Castro Alves, só a divina liberdade é que fica. E, com ela, o homem.

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463

1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES — João Cabral de Melo Neto (Londres-Inglaterra) * Cícero Dias (Paris-França) * Artur Coelho (New York-E. U.) * José Condé (Rio de Janeiro-D. F.) * Alcântara Silveira (São Paulo) * Sílvio de Macedo (Maceió-Alagoas) * Jota Soares (Salvador-Bahia) * Gambarra Filho (Joinville-Paraná) * Eriko Veríssimo (Porto Alegre-R. G. S.) * Hélio Galvão (Natal-Rio G. do Norte) * Alphonsus Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) * Dalton Trevisan (Curitiba-Paraná) * Salim Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) * Antônio Girão Barroso (Fortaleza-Ceará) * J. Pedrosa (Campina Grande-Paraná) * Lycio Neves (Caruarú-Pernambuco).

HISTÓRIAS DA CIDADE MORTA, de José Conde

Em ótima feição gráfica, abra de aparecer mais um livro de contos do escritor pernambucano José Conde. Trata-se de "Histórias da Cidade morta", uma edição do "Jornal de Letras" com ilustrações de Farneze. O novo livro de José Conde vem provocando grande repercussão na crítica nacional.

O sr. Sérgio Millet, por exemplo, o indica como "um dos melhores que foram publicados ultimamente no Brasil", enquanto que o sr. Aderbal Jurema louva o escritor, mas discorda dos contos, encarando-os como crônicas muito bem escritas.

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema
Secretário: Yvonildo de Souza

Solicitemos permuta com as publicações congêneres.
Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de critica assinada.

Número avulso Cr\$ 4,00
Número atrasado Cr\$ 6,00
Nos Estados Cr\$ 5,00

(Continuação da pg. 3)

DA SILVA MARQUEZ GOVEA, PRESIDENTE DEL DESEMBARCO DEL PAÇO Y MAYORDOMO DE LA CASA REAL, & COMENTADAS POR MANUEL DE FARIA, Y SOUSA, CAVALERO DE LA ORDEN DE CHRISTO. TOMO I Y II. QUE CONTIENEN LA PRIMERA, FEYUNDA Y TERCERA CENTURIA DE LOS SONETOS. LISBOA COM PRIVILEGIO REAL EN LA IMPRENTA DE THEOTONIO DAMAÑO DE MELLO IMPERADOR DE LA CASA REAL CON TODAS LAS LICENCIAS NECESARIAS. AÑO DE 1685.

Como se sabe, os tomos III, IV e V apareceram somente quatro anos depois, impressos em outra tipografia, isto é, na Imprensa Craesbeckiana. Ao que parece os proprietários dessa última tipografia foram sucessores de Teotônio Dámaso. O material tipográfico dos volumes impressos na Craesbeckiana é o mesmo utilizado nos tomos I e II: vinhetas, letras capitulares etc. Esta edição está incompleta. Esclarecendo o motivo diz Jouroumenha: "Iniciando o editor com estas mercês do Soberano (ajuda de custo), ou porque os comentários estavam no programa das obras que devia imprimir, saiu à luz com a primeira parte no ano de 1685, dedicada ao marquês de Gouveia, presidente do desembargo do Paço, e a segunda no de 1689, dedicada a Garcia de Melo, presidente do mesmo Tribunal; por este faleceu Antônio Craesbeck, e por sua morte passou o emprégo de Impressor da Casa Real, que já exerceu seu filho, não sabemos o motivo, para um francês natural de Pat, Miguel Derlandes como consta do Alvará que lhe concedeu o emprego, mudando já no título da segunda parte (1689) a denominação que usara na primeira (1685) de impressor da Casa Real para imprensa Craesbeckiana".

Nos tomos I e II onde começa "A Vida do Poeta" existe uma vinhetinha que segundo o visconde de Jouroumenha representa o comentador oferecendo uma coroa a Camões que por seu turno é conduzido por Minerva. Esta vinhetinha reaparece no tom III, à página 4. Estão reproduzidas as diferentes epígrafes dos livros dos Macabeus, Sídonio Apolinário, Erasmo e Marcial, já referidas anteriormente.

3 — OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMOES CORRECTAS E EMENDADAS PELO CUIDADO E DILIGENCIA DE J. V. BARRETO FEIO E J. G. MONTEIRO — HAMBURGO — NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE LAN-GHOFF — 1834. — 3 volumes.

A biblioteca possui esta edição em duplicata. No tomo I existe uma litografia de F. A. S. Ostrense, de Camões. Empunhando a pena, livro na mão esquerda com a espada descansando no antebraço, assim, é apresentado o poeta. Algumas edições segundo Inocêncio, estão datadas do ano de 1843. Trata-se, porém, de erro tipográfico. Ainda, na opinião de Inocêncio, esta edição é uma das mais completas, "havida em conta de meu correta".

4 — LUSIAS DELUIS CAMOENS: A QUE SE AJUNTAM A VIDA DO POETA, NUM ARGUMENTO HISTORICO DOS LUSIAS, AS ESTANCIAS OMITIDAS POR CAMOENS, LIÇOENS VARIAS, E HUM INDEX OU DICIONARIO DOS NOMES PROPRIOS USADOS NO POEMA. COM 10 ESTAMPAS E O RETRATO DO POETA — LISBOA, TYPOGRAPHIA DE EUGENIO AUGUSTO, RUA DA CRUZ DE PAO N.° 12 — 1836 — VENDE-SE NA LOJA DE BOREL, BOREL E Ca. AOS MARTYRES N.° 14.

Apesar da edição falar em dois tomos, a da biblioteca apresenta-se encadernada num volume, faltando uma ilustração alusiva ao Canto VIII. É ornada com o retrato do poeta. Segundo informação de Inocêncio, esta edição é uma fraude industrial da edição de 1805 da tipografia Lacerdina, pois, desta última, "foram arrancados os rostos parciais dos dois tomos e substituídos por um único frontespício". E adianta: "os que não tivessem conhecimento ocular da edição de 1805, podiam ser facilmente iludidos à vista de tal contrafação, julgando acharem nela mais uma edição realmente diversa das obras do poeta".

5 — OS LUSIAS POEMA DO GRANDE POETA CAMOENS, SEGUNDO O LEGITIMO TEXTO — AVINHAO NA OFFICINA DE FRANCISCO SEGUIN — 1818.

Esta edição apresenta-se em dois tomos.

6 — LUSIAS DE LUIS DE CAMOENS. LISBOA, TYPOGRAPHIA LACERDINA, 1805.

O exemplar da Biblioteca Pública está desfalcado das estampas 4, 6, 8 e 9. Esta edição é uma quasi-fiel reprodução da Coimbra de 1800, com o aumento das estampas que precedem cada um dos Cantos: informação de Inocêncio. Esta edição, pelo menos o exemplar da Biblioteca Pública, não traz o retrato do poeta.

7 — OS LUSIAS POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOENS — NOVA EDIÇÃO — LISBOA — NA TYPOGRAPHIA ROLLANDINA — 1865.

Esta edição não está anotada na Camoneana da Biblioteca Nacional. Trata-se de uma reprodução exata da edição de 1846, da mesma tipografia. Trata-se unicamente o texto, sem anotações ou comentários e cada Canto precedido de dois argumentos. Como na edição de 1846, esta tem também 397 páginas.

8 — OS LUSIAS POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOENS — NOVA EDIÇÃO POPULAR CONFORME A SEGUNDA DE 1852 — AUMENTADA COM A VIDA DO POETA E COM UM GLOSARIO DOS NOMES PROPRIOS — LISBOA — EDITORES ROLLAN & SEMI-OND — RUA NOVA DOS MARTIRES, 3 — 1870.

Vem ilustrada com a efígie do poeta.

9 — OS LUSIAS. POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOENS NOVA EDIÇÃO CONTENDO: BREVE NOTICIA DA VIDA DO AUTOR — NOTICIA ACERCA DE VASCO DA GAMA E DE SUA VIAGEM A INDIA E O DICIONARIO

ERICO VERISSIMO NO RECIFE



No Iate Clube do Recife, o romancista Erico Verissimo examina caranguejos cozidos, prato regional que despertou sua atenção no jantar intitulado que o sr. Miguel Vila, presidente do Clube, ofereceu ao conhecido escritor gaúcho



Perante um auditório de jornalistas, escritores e poetas, após o jantar do Iate, o poeta Ascenso Ferreira declama para o romancista Erico Verissimo a sua regionalíssima poesia: "Vou danado, vou danado pra Catende..."

DOS NOMES PROPRIOS USADOS NO MESMO POEMA — PORTO — EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR — RUA DOS CALDEIREIROS, 16 e 20 — 1871.

A biografia de Camões é a conhecida "Breve Notícia" do padre Tomás José de Aquino. As informações sobre Vasco da Gama foram extraídas da Crônica de Damião de Góis.

10 — OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMOES — EDIÇÃO CRÍTICA COM AS MAIS NOTAVEIS VARIANTES — PARNAZO DE LUIS DE CAMOES — 2.º ED. — PORTO — IMPRENSA PORTUGUESA EDITORA — 1877.

Os sonetos constituem ótima matéria do tomo I. Não obedece à sequência estabelecida por Faria e Sousa. Da mesma maneira são divergentes, em consequência, na numeração. Pretende a coleção de sonetos, desta edição, ser mais completa que a de Faria e Sousa pois, os autores incluiriam muitos sonetos, refugiados por Faria e Sousa com a tacha de apócrifos. O volume I, do tomo II contém as canções, sextinas e odes. Faria e Sousa apenas apresenta 15 canções, enquanto nesta edição estão arrroladas, 16. Esta última é apresentada sob o n.º XVI, com esta nota: "recollida por Faria e Sousa na edição das Rimas de 1822". Ora, o volume das Rimas editado em 1865 trata somente dos sonetos como típicos ocasião de referir linhas acima. Nos volumes que vieram a luz em 1869 e onde se encontram as canções, não se registou a de n.º XVI, da presente edição, agora, em foco. Faria e Sousa praticamente, distintamente, as estâncias, comentando cada uma de per si. Nesta edição as estâncias apartam-se, simplesmente, com um parágrafo, não tendo numero. No que tange as odes Faria e Sousa arregimentou 12, enquanto nesta edição foram coligidas 13 odes. Cinquenta sextinas são numeradas contra quatro sextinas em Faria e Sousa. Quanto às oitavas Faria e Sousa apresenta sete contra oito desta edição. As elegias ocupam o volume II do tomo I, num total de vinte e sete. Faria e Sousa aponta como autênticas somente vinte e uma elegias. O excedente desta edição enquadra-se entre aquelas elegias que, segundo Faria e Sousa, "por estar vicadas de modo que não se reconhece como sendo do Poeta, as deixei em silêncio". Reportava-se, então, ao pésimo estado de conservação do MS Camoneano. Os Lusias aparecem no volume IV e os Cantos não são precedidos de argumentos.

11 — OS LUSIAS POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOES — NOVA EDIÇÃO CORRECAO — PERNAMBUCO — TYP. DE SANTOS & COMPANHIA — 1843.

A tipografia Santos & Companhia teve atuação intensa em sua época pelo seu movimento editorial, imprimindo até livros de Direito. A cada Canto precede dois argumentos. Esta edição não foi registrada na Camoneana da Biblioteca Nacional.

12 — OS LUSIAS POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOES — NOVA EDIÇÃO CONFORME A SEGUNDA DE 1852 — AUMENTADA COM A VIDA DO POETA E COM UM GLOSARIO DOS NOMES PROPRIOS — LISBOA — EDITORES ROLLAN & SEMI-OND — RUA NOVA DOS MARTIRES, 3 — 1870.

Vem ilustrada com a efígie do poeta.

13 — OS LUSIAS. POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOES — NOVA EDIÇÃO CONTENDO: BREVE NOTICIA DA VIDA DO AUTOR — NOTICIA ACERCA DE VASCO DA GAMA E DE SUA VIAGEM A INDIA E O DICIONARIO

por J. Pedroso e desenhadas por A. S. Reis. As ilustrações dos cantos VIII, IX e X foram desenhadas por E. Mas e gravadas por Deschamps. As ilustrações dos cantos VI e VII não apresentam indicação de autores. Esta edição tem 337 páginas. Das páginas 326 a 337 estendem-se as diversas notas que esclarecem o texto do poema. Encadernação do Editor. A Biblioteca detém duplicata.

14 — OS LUSIAS — POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOES — EDIÇÃO ANOTADA DE F. SALES LENCASTRE — CANTO I — LISBOA — IMPRENSA NACIONAL — 1892.

Vem precedida, esta edição, de um interessante estudo de Gonçalves Viana sobre a prosódia portuguesa a época da publicação dos Lusias. Nas págs. 97-114 o comentador anexou um Glossário. Notas referentes ao poema, ao pé das páginas (foot-note).

15 — OS LUSIAS, EDIÇÃO ANOTADA PARA LEITURA POPULAR — LISBOA — 1927.

Em virtude da larga aceitação dos seus comentários ao canto I, Lencastre abalou-se a tirar a presente edição, em dois volumes. Trata-se do Comentário mais popular e mais divulgado sobre os Lusias. Por isto deixamos de comentá-lo.

16 — SONETOS DE CAMOES — EDIÇÃO DO CENTENARIO DOS LUSIAS.

Trata-se de uma edição comemorativa do tricentenário de Camões, lançada pelo Gabinete Português de Leitura. Apresenta 286 sonetos. Faltava a folha de rosto.

17 — THE LUSIAS OF CAMOES TRANSLATED INTO ENGLISH VERSE BY J. J. AUBERTIN KNIGHT OFFICER OF THE IMPERIAL BRASILIAN ORDER OF THE ROSE — IN TWO VOLUMES — LONDON — C. KEGAN PAUL & CO. 1 Paternoster Square — 1878.

Iniciamos, comentando a edição de Aubertin, nosso estudo sobre as traduções inglesas. Joaquim Nabuco, numa de suas conferências nas universidades americanas sobre os Lusias escrevia: "Entanto, não leríamos nenhuma delas (as traduções) com a impressão de que estariam a ler o próprio Camões. Nenhuma é fiel. Todos poem muito do seu poema. E mister que apareça um que não empreste ao poeta, mas que lhe faça sem cuidados surgir só, inteiramente só".

Já Adamson fazia severas críticas à versão de Mickie, como veremos oportunamente. E a de Fanshaw tem sido, rufamente, atacada.

A tradução, ora em tela, é dedicada a D. Luiz I, de Portugal. Tem um prefácio e uma "Introdução" com XXV páginas. A página XVIII o tradutor enumera as traduções dos Lusias, aludindo à lista apresentada por Garret, no seu "Camões". O vol. I ilustra-se com um mapa, reproduzindo o roteiro de Vasco da Gama, na ida e na volta. Este mapa é uma cópia da carta existente no livro de A. Herculano, "Roteiro da Viagem de Vasco da Gama", Lisboa, 1861. A tradutor reproduz o original português ao lado da versão inglesa. O retrato do poeta aparece no vol. I, gravado por G. Coch com a seguinte legenda:

On him for whom his loved harmonious lyre Shall more of fame than happiness acquire. C. L. est. 28

No II vol. é apresentado Vasco da Gama, também, numa ilustração por Coch gravada, acompanhado deste distico:

I own the Law of Him whose high command Visible and invisible are beneath.

O vol. I encerra os cinco cantos primeiros. O vol. II, os restantes. As notícias elucidativas alinharam-se no fim do II vol. Entre as curiosidades dessas notas, destacamos a de n.º 32 onde o Autor apresenta uma relação de todos os reis de Portugal, desde D. Henrique (1495) até D. I (1851). A Biblioteca possui duplicata.

18 — THE LUSIAS: OR, THE DISCOVERY OF INDIA. AN EPIC POEM. TRANSLATED FROM THE PORTUGUESE OF LUIS DE CAMOES. WITH A LIFE OF THE POET. BY WILLIAM JULIUS MICKLE. FIFTH EDITION — LONDON — GEORG BELL AND SONS. YORK STREET — 1877.

Trata-se da famosa tradução de Mickie, uma das mais divulgadas e das mais acusadas, na Inglaterra. Desta tradução Adamson assim julgou: "The Liberties taken by Mickie with The Lusias of Camoes, are of so extensive a nature, as to have rendered his versions, in the opinion of an another, eminently skilled in the original language, and capable of forming a judgement of it, rather a recomposition than a translation. When it is stated, that in Canto IX, three hundred lines are introduced, which have not any corresponding passage in the Portuguese; and that numerous other material alterations could be pointed out, particularly one in the story of the Census of the Cape; reader will judge, how far the another above alluded to is correct in his ideas on the subject. Such liberties, the Portuguese say, are calculated to mislead; and they suppose a case of a future Voltaire; who, ignorant of the Portuguese language, should form an idea of the poem of Camoes through the medium of the translation of Mickie". Mickie não se utilizou convenientemente dos comentários de Faria e Sousa. Nesta edição, os editores resolveram colocar, em "foot-note" a tradução mais exata. Reproduz a edição em foco, a dedicatória da Ia., de 1776, uma "Introduction to the Lusias". Igualmente, aproveitou-se da edição de 1776 o estudo "Dissertation on the Machinery of Tasso's Jerusalem and Voltaire's Henricle", que, na presente edição, foi apresentado sob o título: "Dissertation on The Lusias, And On Epic Poetry".

(Continua na pg. 8)



Diário Intimo

ALTAMIRO CUNHA

25 DE SETEMBRO 1951 — O avião sobrevôa a cidade escondida por intenso nevoeiro. Os minutos se prolongam e o passageiro metálico luta bravamente em busca de teto. E noite quando piso terra firme de Porto Alegre. Encontro a minha esperada José Tavares de Miranda, que do Recife saiu jovem para se tornar um dos maiores poetas de São Paulo. Conta-me o amigo as suas duas horas de agonia por saber que seis aviões lutavam ao mesmo tempo para vencer o nevoeiro e poderia haver um choque de avião a cada instante. E supersticioso, tembrava-se dos belos cabelos prateados de Galélio Coutinho, unicos depois de um desastre provocado pela nevoa séca. Venho a este Congresso para vê-lo, diz-me o Miranda, desde que sabia da sua presença aqui por notícias dadas pelo Aderval Juroma. Caminhamos ento pelas ruas frias da cidade desconhecida. Fico sentimental e procuro descobrir em cada mulher que passa a Clarissa, do romance de Érico Verissim.

26 — Visita a Moysés Vellinho, crítico literário e diretor da revista "Província de São Pedro", uma cidadela espiritual em defesa da nacionalidade. Trata-se de um homem encantador e excepcionalmente culto. Pergunta-me por Góber Freyre e Luiz Delgado. E com notável conhecimento palestra sobre os destinos históricos do Rio Grande e de Pernambuco na perene vigilância de defesa da pátria. Faco-lhe uma entrevista que sairá em qualquer domingo no suplemento literário do JORNAL DO COMÉRCIO.

27 — Recepção no bairro residencial de Petrópolis, na casa em estilo anglo-saxônico de Érico Verissim. O romancista de "O Tempo e o Vento" era um velho amigo meu por correspondência. De impressionante simpatia Érico é desses homens que agradaram no primeiro instante de conversa. Foi abstencionista no Congresso de Escritores. Mas recebeu de uma forma gentil as pessoas especialmente convidadas para uma reunião mundana em sua casa. À meia noite, a rádio começou a espalhar o "feno" em homenagem aos pernambucanos. Gentileza que nos comoveu e nos afogou no clima morno fornecido pela lareira, enquanto o frio era de arrepios na rua cheia de jacarandás floridos. Presença de Moysés Vellinho e senhora, Limeira Tejo e senhora, senhor e senhora Henrique Bertasso, escritor Manoelito de Ornelas, poeta Mário Quintana, Aderval Juroma, Césario de Melo, Carlos Moreira, José Tavares de Miranda e o romancista cearense Jodo Clímaco Bezerra. Sem esquecer os quinze anos dedicados de Clarissa, a filha queridíssima de Érico Verissim.

28 — A bancada de Pernambuco oferece um churrasco à poetisa Lila Epoll, presidente da ABDE do Rio Grande do Sul. Jordão Emerenciano improvisa um discurso de saudação e revela-se um "gourmand" de excelente apetite e de extraordinário conhecimento culinário. Aderval Juroma recorda o seu primeiro encontro com Graciliano Ramos, em Palmeiras dos Índios, nas Alagoas. E os vinhos gaúchos, exfolhados pelo Jordão copiosamente invadem de rubro os copos de avelura imaculada.

29 — Um poeta toma chopp no bar. De desdenhosa indiferença pelo sucesso joga no possível do seu nome impresso em jornais. Seus poemas de intenso lírico e de delicada ironia só seriam reunidos em livro, se amigos espontaneamente não fomassem a iniciativa de tão merecida homenagem. É um dos maiores poetas do Brasil e o mais alheio ao nome de rebéis que possui. Namorado das madrugadas e das espumas dos cigarros que não tomam conhecimentos das horas, ele presente morrer "com a displicência de um fantasma inglês". E gosta de ficar horas inteiras a uma mesa de bar. Toma um chopp. E está sempre em estado de poesia. Chama-se Mário Quintana. O grande poeta do Rio Grande do Sul. E no "romantismo vagabundo" escreveu o maior elogio a sua cidade:

"Eu sei que nestes céus de Porto Alegre
E para nós que inda S. Pedro pinta
Os mais belos crepúsculos do mundo...!"

UMA REVOLUÇÃO DE BRINQUEDO — A notícia renacionaliza Porto Alegre numa manhã de cerração. O rádio anuncia: revolução na Argentina. Revolta das forças aéreas. Em perigo o peronismo. Vinte horas mais tarde os jornais arrumalam o desfecho da ridícula quartelada: um militar morto e três feridos. Césario de Melo que estava de malha arrumada para passar em Buenos Aires, desiste do seu intento por se parecer com o general Dawson. Teme um descalço qualquer e ser enviado a uma prisão por incrível semelhança. Limeira Tejo acha que o "peronismo" é útil ao prestígio do Brasil. Porque dia a dia o "pesso" se desmorala mais...

UM PERNAMBUCANO DE CARUARU — Encontro na rua das Andraduras, firme no seu canhão, Limeira Tejo, companheiro de bilhar nas noites antigas de Caruaru e hoje, nome conhecido em todo país com o seu herói célebre, "Retrato Sincero do Brasil", em terceira edição em menos de um ano. O comentador político de muitas irrevências e de muitas verdades já entregou à Literatura do Globo os originais do seu segundo livro "Por Trás da Cortina de Dólares" que promete ser uma bomba atômica nas suas revelações. Limeira embarcara no próximo mês para Paris como enviado especial jornalístico junto à Unesco.



Flagrante fotográfico de Altamiro Cunha e Aderval Juroma, no salão de uma livraria na Capital Federal. Regressavam, ambos, do Congresso de Escritores Brasileiros, realizado em Porto Alegre, o que deu motivo a uma série de crônicas do "Jornal Intimo" de Altamiro Cunha, divulgadas na sua seção quotidiana do "Diário da Noite", do Recife, e que NORDESTE publica agora em conjunto

E AS MULHERES QUE BELAS SÃO!...
— Gostei dos corpos sadios da mulher gaúcha, alvas e louras ou morenas de olhos verdes sempre bem vestidas pelo que o clima ajuda. Não são mulheres brancas de mármore, mas mulheres tingidas pelo próprio sangue, de saúde esplêndida sob o nevoeiro ou o sol. Vi tipos admiráveis que embelezariam as telas cinematográficas do mundo todo.

30 — Do avião Curitiba ao longe, vislumbra-se a grande vegetação dos pinheiros como promessas de vésperas de Natal. Única lembrança: um amor-perfeito de pétalas frias como se fosse uma vela de prata em túnica cérus de vinho, apagando no aeroporto envolvido pelo frio andarilho. Mais tarde desembarco em Congonhas. Estou na Paulista, a desembarcar em Mâncio de Andrade.

1 DE OUTUBRO — Pode haver abstração imaginativa quando olhos descansam em paisagens românticas ou cidades de hábitos misteriosos, com histórias resumidas nas noites dos séculos. Isto não acontece em São Paulo, cidade vertiginosa e tentacular, de ritmo acelerado de progresso e de dinamismo forte do seu povo que aspira um lugar de vanguarda entre as maiores metrópoles das Américas. É uma cidade que espanta pelas realizações corajosas de todo instante, pelo delírio da sua febre de construções, pelo empujo do seu espírito de trabalho, pelo arrazoado das suas iniciativas de inteligência e de ação. Cidade que não permite lentidões de laquear ou divagações de sacerdotes hindus. São Paulo é de progressão astronómica. De esperanças certas no seu futuro e na constante de exaltação às grandes idéias. Por isso o paulista diz: — no fim do ano teremos uma população maior que o Rio de Janeiro, daqui mais um pouco de tempo seremos mais populosa que Buenos Aires. Em vinte anos, depois de Nova Iorque, a nova cidade será a segunda das Américas. E será mesmo.

Não possui a beleza natural do Rio, mas tem uma beleza maior, a do homem que soube vencer a natureza. São Paulo é uma cidade que Le Corbusier exaltaria como exaltou Nova Iorque, no seu livro poético e satírico que é "Quando as Catedrais Bram Brancas".

Cidade do instinto da vida presente. Desafio das alturas com arranha-céus que são altos em dias de sol e enxu quando envolvidos pela cerração. Não há reconstruções de edifícios como se abuse no Recife. O que é antigo é logo demolido. O que é estreito ne torna inacessível. Quando se faz um cinema as dimensões espantam como o Marrocos. Quando se cogita de um hotel, entrega-se o projeto a Oscar Niemeyer e concebe-se logo a grandiosidade das suas instalações: 500 quartos, cinema para 3.000 pessoas teatro com 700 lugares, 500 apartamentos, lojas que ocuparão o espaço de 8.000 metros quadrados, restaurantes, "boites", garagem para 500 automóveis, piscina e quadras de basquete e vôlei. O hotel ficará construído em 1954, quando se festejará o quarto centenário da cidade. E para esse centenário já está traçado um plano de se fazer um estádio maior que o Maracanã. E o paulista o fará como dois e dois são quatro. Embora seja um insulto querer ultrapassar a dimensão do Maracanã...

Do alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo reparo a cidade imensa. Onde lugar para os mestres e amadores e as medidas dolentes das amantes das "clássicas mortas"? Coetovias e rouzinas dos remotos tempos de Romeo e Julieta por onde andam? As noites de namoro são passadas nas "boites" e os passageiros são os avilés que de cinco e cinco minutos, dias e noites descem e sobem na pista de Congonhas. São Paulo, babilônica, amanhã continuará a falar de ti.

2 — Eu mantinha uma curiosidade que não podia ser alterada durante minha permanência em São Paulo. Não era um caso de ternura, seria melhor uma questão de conhecimento pessoal. Queria o amor veloz de uma japonesa de olhos de lua em noite fria. Claro que não lhe permitiria que me viesse a falar sobre o processo da infusão do chá como também não estava interessado que me recebesse de quimono ou não. Em companhia de J. T. M. fomos a uma granja distante da cidade. Encontrei a "guicisha" desejada com o seu corpo leve de bambu. Nada de chá. Um copo de usique "King Hansum". Saddle com os seus olhos de lua estava de azul marinheiro em um modelo que poderia ser assassinado por Jacques Fath. Era alta noite quando deixei as terras róxas da granja com o cheiro das flores de ameixa do corpo de Saddle. E na noite sem estrelas, guardei nos ouvidos a carícia de uma boca estrelada que me dizia: "Sayonara..."

RECEPÇÃO — Um dos papas da revolução literária de 1922, a voz mais ardente da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, Oswald de Andrade, recebeu em seu apartamento quatro pernambucanos: Aderval Juroma, Carlos Moreira, Césario de Melo e este colunista. É uma noite de esplêndido convívio espiritual neste apartamento de livros raros, esculturas maravilhosas e quadros onde se destacam dois originais de Chirico, o mais poético dos pintores deste século. Presente o romancista José Geraldo Vieira, do poeta José Tavares de Miranda, da romancista Maria de Lourdes Teixeira e da cronista Helena Silveira, a responsável pela crônica mandarina da Paulista. Fabulosos usiques, conversas e diálogos assuntos literários movimentados pelo autor de "Serafim Ponte Grande", confirmando a opinião de Gilberto Freyre de que Oscaldo de Andrade é o homem mais inteligente do Brasil.

COM O ROMÂNCISTA DA "QUADRAGÉSIMA PORTA" — Penso que poucos homens, neste país, podem ter a cultura de José Geraldo Vieira. Conhece a literatura de todos os continentes e de cor é capaz de dizer trechos enormes de livros. Escreve oito horas seguidas a uma máquina de datilografia e em doze dias traduziu do inglês "O Poço da Solidão", de Radclyffe Hall. Escreveu o seu romance "Ladeira da Memória" em oito dias. Pergunto-lhe se o título do livro tem alguma coisa com a extrema ladeira desse nome que fica perto da Avenida S. João. Resposta negativa. Quando insinuo a influência de Charles Morgan sobre a sua obra ele contraria; — não é dos meus escritores prediletos. Prefiro uma aproximação com Roger Martin du Gard. Admira Thomas Mann e acha "Os Thibault", o maior romance dos tempos modernos. No momento está ultimando o próximo romance que terá o nome de "O Albatroz".

UMA PAULISTA DE QUATROCENTOS ANOS — A senhora Maria Penteado, de tradicional família de São Paulo que tem origem nos bandeirantes, oferece uma recepção a quatro representantes de Pernambuco no IV Congresso de Escritores, Carlos Moreira, Césario de Melo, Aderval Juroma e este colunista. José Tavares de Miranda é o responsável por essa gentileza. A senhora Maria Penteado alia a finura a uma inteligência privilegiada. Em sua casa há sempre um lugar de preferência para os artistas e homens de letras.

A MARQUESA DE SANTOS — Hoje é um escritório da Companhia de Gás, perto da Praça da Sé. Esse casarão tão pequenino diante dos arranha-céus que dominam a capital paulista, foi no século passado um palácio, e nele morava a Marquesa de Santos, mulher de imenso poder e amante de Pedro I, realista de voluntude ardente. Passou alguns minutos a povoar o casarão de imagens remotas. Não adianta. O tempo andou. Dali agora só sai cobrança de gás. Amores velhos não se reassumem. No entanto, como acontece no cemitério de Montmartre, onde francesinhas lindas vão depositar flores no túmulo de Josephine de Beauharnais ("A Dama das Camélias"), assim fazem amantes paulistas no cemitério da Consolação onde descansam os restos mortais da Marquesa de Santos.

A BIENAL — O grande acontecimento artístico de São Paulo é a Bienal. Um certame que documenta a alta cultura de um povo e que desperta interesse nos maiores centros intelectuais do mundo. Valorização da arte moderna no meio de 1500 telas enviadas e que já se submeteram a uma seleção de valores. Único repre-

sentante de Pernambuco: Lula Cardoso Aires, com suas três pinturas classificadas.

O MUSEU DE ARTE — Nada mais grato à sensibilidade do que visitar o Museu de Arte, de São Paulo. Seu acervo é uma preciosidade. E o que expanta é o gênio de Cândido Portinari com os seus quadros "Morte da Crisântemo" e "Os Retirantes" no meio de tantos gênios de vários séculos.

AGRADECIMENTO — Não posso esquecer as gentilezas que recebi dos meus amigos o poeta José Tavares Miranda e o industrial João Andrade. Amanhã partirei para o Rio. Esta última noite passei na "boite" Oasis. E ficarei com saudades da culinária italiana e das vitrines do "Mappin".

3 — O Lincoln, de Ferraz de Almeida, presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia, corre macio pela estrada rodoviária. Está distante a capital paulista. Na sua imobilidade milenária, em grandiosa morada de silêncio, defrontam-se as serras do Mar e da Mantiqueira. Dependendo das nuvens, por vezes parecem marmores coloridos, esmeraldas soberbas ou palácios perdidos nos céus, quando é intensa a cerração. O panorama é uma maravilha de Deus. Mas o homem sabe contornar caminhos duros com os traços mágicos da engenharia. E a rodovia, no meio das serras, provoca encontro de cordialidade entre a natureza e o homem. Vêem-se valões profundos, sítios cultivados, fazendas modelos, cidades industriais ou agrícolas, a cidade católica de Aparecida. Nossa Senhora, padroeira do Brasil, em escala sucessiva de ladeiras como o alto de Olinda. Máquinas e mais máquinas caminham pela estrada num sucedâneo de movimentos. Resende, cidade militar, onde fizemos uma pausa em um bar: Aderval Juroma, este colunista, Césario de Melo, Carlos Moreira e Ferraz de Almeida. Noite com as primeiras estrelas. Mais tarde avistamos toda a larga região de luzes do Rio de Janeiro. Duas horas depois estávamos no "Night and Day", onde Gregório Barrios cantava "boleros" temperados de melancolia para algumas mulheres de olhos cítricos...

Claro que não vou repetir o lugar comum de falar sobre o Pão de Açúcar ou do Corcovado nem fazer o elogio de Copacabana, que todo mundo sabe que é uma beleza. Neste meu jornal intimo não existem intenções de guia para turistas. Todo mundo sabe o que já ouviu dizer como é o Rio. Uma cidade que foi filmada em tecnicolor por "camaramer" internacional e apresentada como um dos paraísos do mundo. Cidade alegre, frívola, de passeios deliciosos para os amantes que podem brincar de esconder sem interferência dos eternos maledicentes. Cidade para pintores de marinha e poetas enamorados da natureza. Cidade musical para desfilar das rotinas provincianas. Cidade de requintes e de malandragens. De "boites" esplêndidas em recantos encantados. E de tudo que Deus possa dar. Encantos para ricos e pobres. Os ricos que se deixam fotografar pela revista "Sombra" nas arquibancadas do Jockey Clube e os pobres que torcem freneticamente no imenso Maracanã pela vitória do Flamengo. Cidade maravilhosa, já disse uma canção...

A carioca sabe pisar. É um fato. Sabe se vestir. Verdade patente. Tem "it" como nenhuma mulher tem. Está certo. Não sei que segredo tem para apresentar sempre uma pele limpa. Da ideia que não existe doença do fígado nas mulheres do Rio. Penso que isto acontece porque a carioca prescinde de recalques. Sua olhar é inteligente, compreensivo a todas as emoções. E inegavelmente a mulher admirável do Brasil. Seja filha de banqueiro ou balconista. E como são delicadas e graciosas as balançadas! De "boites" esplêndidas em recantos encantados. E de tudo que Deus possa dar. Encantos para ricos e pobres. Os ricos que se deixam fotografar pela revista "Sombra" nas arquibancadas do Jockey Clube e os pobres que torcem freneticamente no imenso Maracanã pela vitória do Flamengo. Cidade maravilhosa, já disse uma canção...

— Se eu fosse milionário e a Municipalidade permitisse, tomaria uma atitude excentrica aos olhos do público e construiria, perfurando a montanha, uma casa como vi no filme sobre o Shangri-La, do romance de James Hilton, na laguna Rodrigo de Freitas, que supera em natureza tudo o que se diz a propósito de Copacabana. Há muitas praias no norte que seriam outras Copacabanas se tivessem o "black ground" encantador que ela possui. Boa Viagem, a nossa e Gaibá, a tela inconfundível. A laguna é encanto e é personalidade. Pertence a uma história de mil e uma noites transportada a uma realidade notabilíssima. Gostaria apenas de ser um mágico para paralisar o canto dos pardais, pássaros mediocres, substituindo-o pela melodia de putativas e curiosas. As águas da laguna parecem refletir sorrisos iluminados das amadas; existe uma emoção no antagonismo entre arranha-céus e favelas que se defrontam; os altos edifícios que querem avançar e as favelas que reagem contra a explosão, num desesperado amor ao samba e ao romantismo que está ficando remoto.

O POETA JOAQUIM CARDOSO — Fui pa-

(Continua na pg. 6)

HOMENAGEADO PELO SNR. IBRAHIM NEJAÍM, COM UM CHURRASCO DE DESPEDIDA, O NOVO EMBAIXADOR DO BRASIL NO PARAGUAY, GENERAL BRASILIANO AMERICANO FREIRE — FESTA SINGULAR, DE SIMPATIA HUMANA, ALCANÇA AMPLA REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE PERNAMBUCANA — DISCURSOS

Em ato recente do snr. presidente da República, foi nomeado para as altas funções de Embaixador do Brasil no Paraguai o General Brasiliiano Americano Freire, comandante da 7a. Região Militar, sediada nesta capital.

S. Excia., que durante o exercício do seu comando conquistou inteiramente a sociedade pernambucana, tornou-se alvo de carinhosas manifestações de despedida. Assim é que inúmeras agremiações, clubes desportivos e sociais, amigos e admiradores, disputaram-lhe os últimos dias de permanência no Recife, oferecendo-lhe as mais variadas e expressivas demonstrações de simpatia.

O snr. Ibrahim Nejaim, do alto comércio desta capital e elemento de destaque da nossa melhor sociedade, ofereceu ao ilustre militar um succulento churrasco,

General Brasiliiano Americano Abdallah Noujaim, Desembargador Fellisimo Guedes, Snr. Afonso Borges e Snra. Almirante Harold Cox, Consul André Santiago Stipanicic e Snra. Adido Cultural dos States Francis Townsend, Consul Giorgio Bracislarche e Snra. Deputado Manoel Cordeiro de Melo Filho, Coronel Viriato de Medeiros, Snr. Veremundo Soares, Major Aguiar de Oliveira Almeida, Snr. Youssef Habib El-Khoury, Snr. Flávio Nobre de Lacerda e

Abdallah Noujaim, Desembargador Fellisimo Guedes, Snr. Afonso Borges e Snra. Almirante Harold Cox, Consul André Santiago Stipanicic e Snra. Adido Cultural dos States Francis Townsend, Consul Giorgio Bracislarche e Snra. Deputado Manoel Cordeiro de Melo Filho, Coronel Viriato de Medeiros, Snr. Veremundo Soares, Major Aguiar de Oliveira Almeida, Snr. Youssef Habib El-Khoury, Snr. Flávio Nobre de Lacerda e

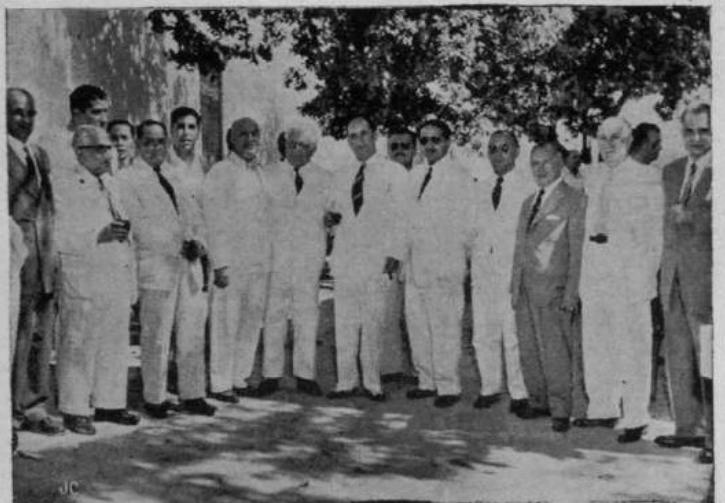
a que compareceram mais de mil pessoas, encheram toda a área do velho e austero sobrado da rua Imperial.

Foi uma festa magnífica e, talvez, a mais interessante de quantas tão merecidamente recebeu o General Americano Freire, porquanto se revestiu de um caráter essencialmente humano, nela tomando parte altas autoridades civis e militares, banqueiros, industriais, comerciantes, intelectuais, jornalistas e, sobretudo, grande número de senhoras e senhorinhas, operários acompanhados de suas famílias, numa tradição inequivoca do apreço e da estima que desfruta entre nós o ilustre militar, que soube fazer amigos e captar simpatias em todas as camadas sociais do Estado.

Entre outras pessoas presentes, cujos nomes escaparam à nossa reportagem, conseguimos anotar as seguintes:



O novo embaixador do Brasil no Paraguai, gal. Americano Freyre, ladeado pelo snr. Ibrahim Nejaim e amigos



Grupo de jornalistas e industriais presentes ao churrasco

DIÁRIO INTIMO

(Continuação da pg. 5)

sitar o velho amigo. E o vejo depois de doze anos de ausência, o mesmo homem calmo, com o seu corpo leve de passaro. Este no seu escritório entre compassos e lápis, plantas de vários edifícios, cálculos em papéis estranhos aos leigos, de números e desenhos. Livros em russo, norueguês e alemão. Conversa sobre o Recife, a cidade inesquecível do grande poeta. Tinta o telefone. É um chamado de Oscar Niemeyer que avisa o dia de partida para Cardoso calcular um hotel de São Paulo, que será o maior da América do Sul. Depois o poeta vira-se para mim e diz: — estou em falta com você. E me brinda com um sorriso que publicarei no próximo número da revista do Clube Internacional. Primeiro quarteto:

“Sobre o meu coração dedos de luvas,
Dedos suaves de mãos consoladoras.
Esgarçam leves, num roçar de chuscas
De vento e de verão sobre lavouras.

MISSAO — Tinha uma missão a cumprir. A de registrar a Associação da Imprensa de Pernambuco, no Instituto Nacional do Livro. Acompanhava-me Murilo Marroquim que consegue rapidamente o meu intento. Dentro de poucos dias a A.I.P. receberá as obras completas de Ruy Barbosa.

COM JORGE DE LIMA — Outro velho amigo que não poderia deixar de ser visitado. Encontro-o, no consultório repleto de clientes. Trabalho de oito às dez da noite. Conta-me alguém que é chic uma consulta a Jorge de Lima, mesmo sem doença; só por atitude. Certo é que a sua clínica é cheia de mulheres lindas, vindas do norte e do sul. Os dentes ouvem música e vêem pinturas em molduras exóticas. Mantém correspondências com grandes nomes da literatura mundial. E recebe os maiores elogios sobre a sua obra poética. O poeta e pintor está classificado na Bienal. E atualmente realiza uma exposição no Recife, em homenagem a Pernambuco e aos seus amigos.

A BELEZA PERNAMBUCANA — Janto no “Beef de Ouro”, com Jodo Condé. O diretor do “Jornal de Letras”, tem sido gentilíssimo conigo. Desfilam mulheres maravilhosas. Em dado momento passa uma pernambucana em companhia do seu marido. Algumas olhares de admiração. Então me diz Condé: — esta senhora é apontada como uma das mais belas do Rio. Fico contente por se tratar de uma pessoa da minha terra.

TEATRO PORNÓGRAFICO — O teatro está repleto. Fila intensa para compra de ingressos. A peça anda por mais de um mês, em matinée e noite, sem sair do cartaz. É immoralismo. E chama-se “Balança mas não cai”. Não sei como se gosta daquilo. E confesso que não sou preconceituoso. Pois bem: os aplausos são enormes. Pelo que ouvi do Mesquita e da Eros Vassilia, a pobre da Virginie Lane é uma santa. E o engracado é que vi um certo “Catedral” do Recife, se babando de contente com as immoralidades consecutivas. Como o Eros modifica os moralistas da província!...

A CARIOCA É UMA MULHER CALUNIADA — O meu amigo L. J. faz-me ver que os grandes escândalos sociais no Rio são provocados pelas pessoas de fora. Pela imensa população flutuante que a cidade tem. Na província passam como santas. Na metrópole desaparecem os recalcques, e se soltam... A carioca é quem paga o pato.

FINAL — No Galego espero o “Constelação” que deve sair a meia noite. Estão presentes os meus amigos Willy Lewin e Eustáquio Duarte. Os amigos não perdem o meu rápido regresso. Digo-lhes que voltarei no princípio do ano. E revejo a luminosidade do céu do Recife.

Sr. Antônio Mendes de Oliveira e Snra. Dr. Nílio Fernandes de Oliveira, Snr. José T. de Moura Filho, Snr. Deputado Severino Mário, Snr. Lourenço Fernandes, Dr. Zacharias Maciel e Snra. Snr. Miguel Madruga e Snra. Deputado Cleito de Sousa, Snr. Abelardo Cortez e Snra. Snr. Amaro Sobral de Mattos, Jornalista Adalicio dos Santos, Snr. Edson dos Santos, Snr. Aristides Medeiros e Snra. Snr. Arthur Napoleão Goulet e Snra. Coronel Mário Imbiriba e Snra. Coronel Antônio Faustino da Costa e Snra. Tenente José Caetano Requião e Snra. Major Gerardo Alves de Oliveira, Snr. Alfredo Ferreira Filho, Dr. Quirino Simões, Snr. Pedro Renda, Dr. Esmaragdo Marroquim, Dr. Reynaldo Camara e Snra. Snr. Theotonio Carneiro, Dr. Virgilio Aragão, Snr. Jayme Nejaim e Snra. Snr. Bartholomeu Ferreira, Snr. Stelmar Ferreira Amorim, Snr. Djalma Ferreira Nunes, Snr. José Carvalho, Snr. Ivo de Mello Alencar, Dr. Arthur Baratto Coutinho, Snra. Snr. Pedro Edílio, Snr. José Ferreira Moreira, Snra. Dr. José Euclydes, Doutorando Anthony Correia, Snr. Romeo de Sousa Barroso, Coronel Sydrack de Oliveira Correia e Snra. Snr. Armando Moreira Pinto e Snra. Coronel Pedro de Hollanda, Snr. José Leopoldino de Luna Pedrosa Filho e Snra. Dr. Xisto Guedes, Snr. Affonso Léo, Snr. Affonso de Albuquerque e Snra. Snr. Manuel Ferreira de Albuquerque e Snra. Dr. Celso de Mello, Dr. Melchior Montenegro, Jornalista Jorge Campello, Dr. Mário Mello e família, Snr. Marcílio Camerino Mindelo, Snr. José Tavares de Sousa, Dr. Prudenciano de Lemos e Snra. Dr. José de Mello e Snra. Deputado Hélio Coutinho, Dr. José Correia, Dr. Paulo Parizzi, Snr. Francisco Guerra de Andrade Lima, Snr. Michel Nejaim,

Snr. José Almeida do Nascimento e Snra. Dr. Pereira da Castro Lemos e Snra. Deputado Alcides Teixeira, Snr. Ulysses Freire, Snr. José Amado Júnior, Dr. Mário de Souza e Snra. Dr. Aloysio Costa, Dr. Sizenando Carneiro Leão, Snr. Eugênio Antunes e Snra. Snr. Eduardo Menezes e Snra. Snr. José Velloso da Silveira, Snr. Francisco Fernandes de Oliveira, Snr. Génasio Campos de Siqueira, Snr. Severino Campos de Siqueira, Snr. Mavíel de Castro Alcântara, Dr. Gentil de Melo e Snra. Snr. Nazinha de Castro, Dr. Décio Azevedo e Snra. e Snr. Dancervant Velloso de Macedo e Snra.

Numerosas foram, também, as senhoras e senhorinhas presentes, dando ainda, mais graça ao ambiente e tornando mais bela a festa com as suas presenças.

Durante toda a festa fizeram-se ouvir uma fração musical em números escolhidos e um grupo de artistas do sul do país e do “broadcasting” local apresentou bem organizado “show”, que foi muito aplaudido.

Ao champanhe, o jornalista Melchior Montenegro, fez brillante saudação ao general Americano Freire, cujos méritos de soldado e de homem de sociedade exaltou demoradamente, referindo-se, também, à imensa popularidade que conquistara pelas suas atitudes de democrata sincero.

O Dr. José Euclydes, nome igualmente conhecido em nossos meios sociais, falou a seguir, em admirável improviso, referindo-se com carinho à personalidade do anfitrião, snr. Ibrahim Nejaim, saindo dinâmico, fortalecido por um coração generoso e bom que o fazia mal querido dos seus numerosos amigos.

Ainda usou da palavra o doutorando Anthony Correia que exprimiu

muco ao general Americano Freire a satisfação de associar-se à homenagem que lhe estava sendo prestada pelo snr. Ibrahim Nejaim.

Profundamente emocionado, levantou-se para agradecer a homenagem, o general Americano Freire. O seu discurso foi breve mas expressivo. Disse que se sentia feliz por dar adeus ao Recife naquela reunião de família, junto a bons e leais amigos, porque a festa que o seu velho e sempre lembrado amigo lhe oferecia via-se bem que era uma festa de coração. E depois de referir-se à imponência da reunião, seu imeditismo e beleza, declarou que não queria ser egoista e, assim, estendendo todo o esplendor da homenagem ao próprio Exército brasileiro.

O general Americano Brasiliiano Freire foi demoradamente aclamado pelos presentes que passaram a ouvir, então, a palavra do snr. Ibrahim Nejaim.

Em poucas palavras, o snr. Ibrahim Nejaim referiu-se à sua satisfação pessoal e de sua família em receber o general Americano Freire a quem solicitava a generosidade de aceitar aquela homenagem que era mais uma prova de que o Recife o estimava e o lembraria sempre como um bom amigo. Agradeceu, também, o snr. Ibrahim Nejaim a presença de todos os seus amigos que tão simpaticamente, ali compareceram para abrilhantar a aludida homenagem.



Um aspecto do churrasco oferecido ao gal. Americano Freyre

O Negro e as Artes Plásticas

YVONILDO DE SOUZA

Desde fins do século XIX a Europa vem demonstrando um certo esgotamento intelectual, estado de coisas que, segundo alguns observadores, bem pode se assemelhar ao do século VIII, quando "a Europa se viu mergulhar no fundo de uma ignorância quasi completa" (F. Lolié — Hist. das Literaturas Comparadas). A verdade é que não se tem visto mais a renovação de ideias, nem a sucessão de figuras nas galerias da história. Um marasmo, acompanhado de uma inequívoca prostração mental, parece acentuar-se cada vez mais, até nossos dias, na vasta comunidade europeia.

Dai, desse estado de coisas, talvez a busca, a procura de valores novos para além das clássicas fronteiras.

O domínio europeu, até então apenas económico e colonizador, ganha novos matizes — passa a ser também espiritual, no setor artístico. A Europa, senhora quase absoluta do imenso continente africano, volta suas vistas para outro paralelo. Olha a África, pela primeira vez em vários séculos de colonização, com olhos humanos. E, em vez de roubar-lhe os tesouros artísticos, como dantes, ou de negar aquele povo de ter escravas certas qualidades que lhe são inerentes, passa a reconhecer-lhe valores estéticos até então ensombrados pelos "preconceitos que detinham os Brancos perante um manipulador negro".

A Arte Negra, descoberta no final deste século, embora velha de milênios, recebe agora calorosas, definitivas e consagradoras aplausos. O próprio André Gide dizia, desassombroado, ao regressar de uma viagem à região do Lago Tchad, na África Equatorial Francesa: "Nos chans populaires, près de ceux-ci, paraissent grossiers, pauvres, simples, rudimentaires" (A. Gide — Le Retour du Tchad). Outros artistas europeus, que se defrontaram com a primitiva Arte Negra, não tiveram dúvidas de proclamar que se "achavam perante uma arte primitiva que não teve a acompanha-la esses aperfeiçoamentos nas relações do homem com a natureza e também nas relações dos homens entre si a que chamamos civilização", sem que isso significasse o reconhecimento de um estádio de infância para a Arte Negra. Ao contrário, foram elas os primeiros a reconhecer que se tratava de uma arte que se vira forçada a cristalizar e que não chegou, por si mesmo, a "experimentar o desejo de ir mais além". Pierre de Colombier, autor de uma "História da Arte", referindo-se às expressões estéticas da Arte Negra, salienta que "tal arte não poderia evoluir e é de presumir que teria continuado a desentranhar-se em produções tão perfeitas no seu gênero como até

ali, se o estabelecimento dos Brancos em África não houvesse profundamente modificado as condições de existência dos Pretos e aniquilado implicitamente essa arte que lhes estava adstrita". E acentua aquele autor, mais adante, que o que houve com a Arte Negra foi "aniquilamento e não decadência".

A verdade ali está, dita afinal por quem sempre a negou e encobriu. A Arte Negra, da África Negra, maravilhou seus descobridores, ou neo-descobridores. E ao passar adante traz consigo todo esse encantamento.

Artur Ramos e vários outros estudiosos, europeus e americanos, tecem elogiosas referências às realizações artísticas do Reino do Benin, do Dahomei, aos tesouros de arte destruídos ou saqueados pelos brancos numa repetição febril dos bárbaros acontecimentos que pulverizaram as duas maiores e realmente autóctones civilizações das Américas:

"As máscaras da Costa do Marfim, em particular as máscaras Dan, constituem, de certo modo, as obras clássicas da arte negra. Mostram elas, em grau elevadíssimo, o resultado de uma espécie de decantação do desumbramento, que deve ser antiquíssima e que nós não estamos em condições de acompanhar", afirma Pierre de Colombier. E mais ainda... "perante uma destas obras, logo experimentamos a necessidade de puxar dum lápis ou dum pena e de garatujar no papel um esquema do que temos sob os olhos e que o artifice já reduziu aos seus elementos: os traços são representados com rigorosa simetria, enquanto os acidentes de forma desapareceram".

Com relação à Arquitetura, os negros bem pouco ou nada ofereceram aos estudiosos e pesquisadores da Arte Negra. Nesse particular, é de se supor que somente os africanos mediterrâneos, notadamente os do sul do Mediterrâneo, os muçulmanos, os mouros, nele se exerceram. Realmente, os etnólogos belgas que penetraram em suas pesquisas até o interior do Congo, nada mais descobriram além de caixas de pintura para o rosto, tambores, copos e tambores esculpidos e desenhados com a originalidade de um indiscutível prazer estético, prazer estético esse que se encontra "em forma latente em todos os membros da humanidade: — o que varia é o ideal de beleza" etc. (Franz Boas — Arte Primitiva).

Todo esse material que compõe a Arte Negra, material a que achamos, e mais outro a que não fizemos a mínima referência, serve para refazer a impressão de que a Arte — ou as Artes — não estaria adstrita à noção corriqueira de civilização concebida e ventilada pelos brancos quando pretendem colocar-se acima das realidades humanas, servindo-se para isso de argumentos já bastante gastos e desmoralizados.

A ciência e os homens, certos homens e certas ciências, vão aos poucos desmentindo a verdade. A Arte é como o sol — nasceu para todos. A propósito, observa Robert H. Lowie que "a necessidade de desfrutar da beleza encontra-se profundamente arraigada no homem": Todos os povos devem ter tido ou terão ainda seu momento artístico, suas áreas de cultura mais ou menos floridas, com suas tendências obediientes ao meio físico. Os povos negros da África já teriam sido contemplados. Já, deram, também, muito de si e ninguém de bom senso poderia sequer imaginar que um dia, devolvida lhes seja a liberdade, consigam deliberadamente ou não isolá-los para o renascimento da primitiva cultura africana. O mundo moderno não o permitiria. A ausência das distâncias; o vôo mais rápido que o som demoliu os meridianos, removeu os paralelos e eliminou, em consequência, as fronteiras do mundo, fundindo cada vez mais os povos, as raças, as idéias, o homem somático e psíquico. Mas ninguém poderá deixar de reconhecer, en-



Máscara Dan (Costa do Marfim) — África

trementes, no passado doutrinas povos e outras nações a sucessão de acontecimentos que podem levar o continente africano à categoria de disputante, em futuro não muito remoto, do trono de sede do mundo de amanhã.

Quando o escritor Francisco Garcia Calderon afirmou, no seu livro "A América Latina, seu Surto e Progresso", que, "algum dia, o centro da civilização latina poderia ser transferido de Paris para o Rio de Janeiro ou Buenos Aires, os críticos acharam irrisório tal idéia". Naturalmente, nosso ponto de vista sobre o futuro da África pode ser recebido com o mesmo ceticismo. No entanto, não se pode prever qual o caráter das guerras futuras e o destino da Europa é cada vez mais negro. Ademais, a África é hoje um vasto e incontrolado celeiro muçulmano, com cerca de oitenta milhões de negros convertidos ao islamismo. E não importa que a civilização do ocidente contraste com a dos povos orientais ou orientalizados. Já tivemos, no passado, uma lição terrível: a invasão dos bárbaros, que lutaram e venceram o faustoso Império Romano.

Pode-se afirmar, desde agora, que a repetição da conduta humana está provocando justamente a transformação das palavras de Calderon em profecia. O Novo Mundo tende a absorver não somente a cultura latina mas também a civilização anglo-saxônica, dando a esta como sede Nova York, Washington e Montreal e aquela o Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e a capital mexicana. Essa absorção resultará das guerras intermináveis, das invasões abruptas, com destruições sistemáticas e outras calamidades, que provocarão, por sua vez, grandes migrações e deslocamentos vultosos da população do globo, em prosseguimento ao rumo primitivamente traçado pelos povos de língua ariana, para o sul, cruzando as civilizações asiáticas e mediterrâneas, ou "sempre para

o leste", isto é, "do Ur na Cálédia para os jardins suspensos de Babilônia, descendo depois para o Egito das pirâmides, transpondo o Mediterrâneo para Atenas e a Acrópolis, até Roma e o Forum, e depois até Paris e o Louvre... agora atravessando o Atlântico com destino ao Novo Mundo" (Samuel Guy Inman — América Latina, sua importância mundial), prometendo que "talvez a humanidade se renove um dia pelos seus galhos americanos" (Joaquim Nabuco).

A África é também um mundo novo, rico, e já possuído, embora ainda não de todo explorado. Essa posse, tem-na a Europa, que dia a dia mais se estende. Não parece estar muito longe o momento do desfecho, quando a viúva velha e desamparada apelará para o filho forte e sadio. A Europa cansada passará a viver diretamente da África, que já vem sendo preparada para tal fim e que já sente, e até canta em versos esse declínio (Jean Paul Sartre — Orphée Noir). Veríamos, assim, mais uma vez o centro humano do universo se deslocar em busca de riquezas, de alimentação e sobreabundante de paz. O continente africano, assim como o Novo Mundo, tem muito para oferecer, tudo quanto a natureza prodígia e desmedida põe ao alcance do homem para sua felicidade e muitas vezes para sua desdita.

* * *

No que diz respeito às artes plásticas no Brasil, não há meios com que negar a existência de uma "linha artística" de origem negra, emigrada para aqui juntamente com os escravos que serviram de estudo à colonização do território. Essa "linha" bem poderia exercer uma influência consciente ou não sobre os nossos pintores, escultores ou, até mesmo, sobre os nossos arquitetos, sobre os nossos artistas plásticos de ontem e de hoje. Não seria mesmo possível que essa linha artística ascendente

não atuasse sobre os precursores das artes plásticas no Brasil, marcando-lhes indelevelmente a obra.

Apesar de ainda não ser de todo possível um levantamento completo da influência negra sobre as artes plásticas no Brasil, é fácil pelo menos sentir-se a sua presença, aquela "linha artística", no nosso patrimônio cultural. O próprio homem, o negro, sua conduta, seu temperamento, a bondade inata que tanto o distinguiu entre as três raças, aparece, depois de cientificamente estudado, como o elemento por essência mais valioso que nos veio da África. Fundindo-se, posteriormente, na figura inconfundível do mestizo, o negro se fez um tema rico, exuberante de tons e motivos: transformou-se o revelou-se um tesouro que, após ter sido desprezado e esquecido por longos e longos anos, se vê disputado na primeira linha dos elementos capazes de suscitar, de animar, de inspirar temperamentos e sensibilidades. Portinari encontrou no racial-social um problema e um tema que o fizeram atirar os ombros o jugo das regras estéticas e realizar com "O Mestizo", com "India e Mulata" e com o "Preto da Enxada" uma obra artística eminentemente social, em dia com a realidade contemporânea. Luiz Jardim e Santa Rosa, colaborando ambos com Gilberto Freyre na ilustração de seus livros de sociologia, voltaram-se também para o rico manancial de assuntos que é o negro no Brasil. E de Lula Cardoso Alves, que fez do negro e seu folclore o mesmo que Vila Lobos e Nepomuceno fizeram, na música, com igual material, poder-se-ia dizer que é sobretudo um paisagista social e atribuir-se-lhe a mesma expressão de Nabuco: "Os primeiros anos de vida foram... em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva" — tal é o espírito e tais são os fundamentos da obra que vem realizando, fortemente apoiada em temas afro-brasileiros, e na qual se sente, antes de mais nada, o homem do norte-africano, escravocrata, sofrendo a influência profunda do meio ambiente, da miséria, do engano e, consequentemente, do negro.

O patrimônio artístico do país só tem ganho com esse tratamento. O negro com ele se redime, trocando a posição indigna dos primeiros retratos, das gravuras de Rugendas, pela posição atual que lhe dão aqueles artistas, negando-lhe o marginalismo que a Sociologia, a ciência do século, condenou de modo inapelável.

* * *

Gracas ao choque entre os valores sagrados, diz Roger Bastide, a arte africana no Brasil resistiu à contaminação do branco. Isto é, não se observou um antagonismo profundo entre o estado mental do homem branco civilizado e o do selvagem africano, no que trata à religião — o homem é antes de tudo um animal supersticioso e ambos, negros e brancos, tinham deuses e muita similitude na maneira de adorá-los. Os rituais e cultos diferiam na forma, mas nunca no fundo. O temor supersticioso revestia os fundamentos da adoração, confundindo-os, aproximando-os, e favorecendo tanto a um quanto ao outro. Livrou-se, sobretudo, de uma luta encarniçada e sangrenta pela supremacia. Os choques, nesse particular, foram diminutos. A religião do branco, em sendo a religião oficial, poderosa e intratigante, abriu um crédito ao ecletismo fetichismo negro. Ainda hoje há festas religiosas e tradicionais da Bahia em que se confundem num só matiz os rituais das crenças afro-romanas, por assim dizer. Tudo isso deve estar ligado à concepção universal de Deus: Deus homem, Deus coliseu e Deus verdadeiro, o Criador. Ao Deus homem prestam geralmente qualidades de Enviado,

(Continua na pg. 8)



Xangô — Coleção Artur Ramos (Arte afro-brasileira)



Xangô — Coleção Artur Ramos (Arte afro-brasileira)

O negro e as Artes Plásticas

Continuação da pg. 7)



PETICHES (arte negra, africana)

des de candomblé afro-brasileiro na Bahia, despertaram no sociólogo M. F. M. Olbrecht, da Universidade de Gand, a dúvida de que Artur Ramos se enganara ao dizer que obra bahiana, de negros e mulatos da Bahia contemporânea, quando tudo estava a indicar que se tratava de obras autênticas da arte negra, africana. O próprio Artur Ramos, refutando a observação de Olbrecht, informou que se tratava realmente de "trabalhos fei-

tos por negros brasileiros" que guardam a tradição africana, de seus antepassados Iorubá. Ainda hoje em certos candomblés da Bahia continua esclarecendo — fabricam os negros, não só os seus objetos de culto, como instrumentos de música, atabaques, etc., muitos dos quais descritos n'O Negro Brasileiro.

Na resistência à contaminação do branco no agrupamento religioso, extinguiu-se a arte negra pura no Brasil. Isto é, extinguiu-

A Camoneana da Biblioteca

(Continuação da página 4)

20 — LE SUIADES POEME DE CAMOENS TRADUIT EN VERS PAR F. RAGON — DEUXIÈME ÉDITION REVUE ET CORRIGÉE — 1850.

Nada mais, nada menos que uma cópia da 1a. edição, aparecida em 1842, é esta edição de 1850. Nota explicativa no fim. Muito embora o Tradutor diga que sua versão se garante sob o sinal da fidelidade, acrescenta a pág. VII do Prefácio: "Cependant, men travail terminé, il m'a semblé que le poème gagnerait au retranchement de certains passages évidemment défectueux que j'ai renvoyé-renvoyés dans les notes. J'espère que je n'en serait point blâmé". Com isto não se con-

formou outro tradutor de Camões Fernand d'Azevedo que à pág. II, ed. 1870, do seu "Avant-Propos" reclamava: "Que dire de la traduction, en vers, de M. F. Ragon, qui se permet de couper dans le courant du poème les passages qui lui semblent défectueux, pour les renvoyer dans ses notes? Pas de commentaires n'est ce pas? Camoens mérité, corrigé par son traducteur". Pecado aponto do, como mostramos nos tradutores ingleses por Nabucó. Num rápido cotejo que fizemos, confirmou-se a acusação de Fernand d'Azevedo. A título de amostra reproduzimos a tradução da estância XIII, do canto VIII, muito alheia do original:

Voilà quels sont nos rois. Quels furent les vassaux,

Si tu veux le savoir, contemple ces tableaux. Regarde Egas-Moniz. L'ceil ardent de colère, Ici du jeune roi, qu'il cherit comme en père, Il ramène au combat les soldats incertains Et regrete le trouble au cœur des Sarrasins.

21 — LES LUSIADES DE CAMOENS. TRADUCTION PAR FERNAND D'AZEVEDO — PARIS. AILLAUD — 1870.

A tradução é feita em prosa, face a face com o texto português. Vem precedida de um esboço biográfico. A presente edição tem 559 páginas. As notas e comentários ao texto situam-se entre as páginas 575-589. Balizou Fernand d'Azevedo sua tradução pelo texto de Morgado de Mateus, "en y faisant quelques (notas) dont l'édition de M. Francisco Freire de Carvalho nous garantit l'utilité" (pg. III).

22 — LUSIADUM DE FREI THOMAS DE FARIA.

Esta é a única tradução latina integral da epopeia, publicada até hoje pois as outras reduziram-se a MS. Esta tradução datada de 1745 está incorporada no "Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum Qui Latine Scripserunt etc.", tomo V. Pertenceu este exemplar ao Prof. Dr. José Joaquim de Oliveira Fonseca, o famoso "Fonsquim". Professor da Faculdade de Direito do Recife e renomado filólogo. Teve oportunidade de enfrentar Ruy Barbosa quando da conhecida polémica entre Ruy e Carneiro Ribeiro. Estes artigos de jornal foram reunidos em opúsculo, sob título "Observações sobre as emendas do Sr. Senador Ruy Barbosa, com aditamento sobre a polémica entre Ruy e Carneiro Ribeiro".

23 — LUSIADA DI CAMOENS TRANSPORTATA IN VERBI ITALIANI — ANTONIO NERVI — ANNO 1814 — in 12°.

A primeira tradução italiana dos Lusiadas deveu-se a Carlos Antonio Paggi e foi impressa em 1658, também, em formato in 12°. A tradução de Nervi não apresenta nem notas, nem glossário, nem argumentos. Há, apenas, uma advertência com o título "Il traduttore a chi legge". Ai escreve: "non è questa la prima traduzione, ed altra m'h prececeduto di più d'un secolo, ma seconde gli intelligenti, poco felice". Refere-se certamente a tradução de Paggi. Mabli informa na sua "Lettre à L'Academie Royale des Sciences de Lisbonne sur le des Lusiades", Paris, 1826, que a tradução de Paggi é "la plus mauvaise, sans aucun doute, de toutes les traductions des Lusiades que nous avons dans les différentes langues de l'Europe" (footnote, nota, pg. 6).

A tradução de Nervi é em oitava rima italiana.

Na opinião de um tradutor de Camões para o castelhano, D. Lamberto Gil, há uma tradução italiana que foi publicada antes de 1609 "y debió ser la primera en este idioma". Juromenha (vol. I, pg. 258) fala que "o Livreiro Diogo Fernandes, na sua dedicatória da edição dos Lusiadas de 1609 a D. Rodrigo da Cunha, fala em una traducción italiana". Juromenha faz apenas este curto comentário à edição, ora em estudo: "não traz notícias". Alonga-se, todavia, quanto à segunda edição, saída em 1821. Igualmente sóbrio é Adamson (vol. II, pg. 157).

24 — LOS LUSIADAS POETA EPICO DE LUIS DE CAMOENS, QUE TRADUJO AL CASTELLANO DON LAMBERTO GIL — TOMO I — MADRID — 1818 — IMPRENSA DON MIGUEL DE BURGOS.

Esta edição consta de três volumes. No primeiro encontramos o "prologo del traductor" (pgs. 5-14), uma biografia do Poeta (pgs. 15-36); "Juicio critico de los Lusiadas" (pgs. 37-80) e "Viaje de Vasco de Gama a la India" (pgs. 81-104). Neste primeiro volume estão os cinco primeiros cantos. Notas ga. pgs. 299-383. O segundo volume contém os cinco cantos restantes e respectivas notas. Os sonetos, elegiás, rondórias, sextinas etc., formam o conteúdo do terceiro e último volume. Nem todas as produções líricas foram traduzidas. Dos sonetos to-

maram a forma castelhana apenas noventa e seis. Aliás, no prólogo do terceiro volume há esta advertência: "Quedan sin traducir algunas otras bellíssimas, que deberán leer en el original los que quieran penetrarse bien del mérito de este céndissimo escritor". O autor da Camoneana da Biblioteca Nacional diz que "esta edição já se vai exaurindo. Apontam-se aqui e ali alguns exemplares delas". Juromenha acrescenta "apesar de ser uma tradução moderna do século atual, contudo vi um exemplar na biblioteca do falecido advogado Rego Abrantes, hoje dos herdeiros de Joaquim Pereira da Costa, e consta-me que também começa a ser rara em Madrid" (volume I, página 229). Estas referências bastam para dizer do valor do exemplar agora analisado.

25 — LOS LUSIADAS — tradução do conde de Cheste — Madrid — 1872.

Edição sem mérito, sem notas e sem glossário. Cada canto vem precedido de um argumento em prosa.

26 — DIE LUSIADEN DES LUIS DE CAMOENS VERDEUTSCHT VON J. J. C. DONNER — STUTTGART BEI CHRISTIAN WILHELM LOEFLUND — 1833.

E' dedicada ao Rei Guilherme, de Württemberg e foi traduzida em oitava rima Alemanha, Deutsche Ottavereime. Na página 379 estão as versões notáveis referentes aos cantos.

27 — DIE LUSIADEN — NACH JOSE DE FONSECA'S PORTUGIESISCHE AUSGABE IM VERSMAASSE DES ORIGINALS UEBERTRAGEN VON F. BOOCHE-ARKOSSY — LEIPZIG — 1854.

Edição da biblioteca está desfalcada de uma estampa representando o Poeta. Após o "Vorwort des deutschen Herausgebers" vem o estudo crítico de Barreto Feio e G. Monteiro, também, traduzido para o alemão. Trata-se da versão técnica do "prólogo" que se encontra na edição de 1834, tirada em Hamburgo, na tipografia de Langhoff e que já estudamos. Juromenha, ao que parece não teve em mãos esta edição pois, ao escrever que ela "é precedida de uma longa e erudita introdução histórica", devia ter verificado estar deante de uma versão alemã do prólogo, de Barreto Feio. As notas e glossário vêm no fim. Anotase ainda a biografia do Poeta e texto de Damílio de Gois sobre a viagem de Vasco da Gama, da Crônica de D. Manuel.

28 — LUSIADERNE — HJELTEDIKT AF LUIS DE CAMOENS — 1852.

E' a tradução sueca de Nils Loven, o primeiro tradutor nórdico de Camões. A tradução de Carlos Lareström, de 1838, restrinjui-se ao Canto I. Notas explicativas a partir da pág. 375.

29 — OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS — EDIÇÃO CRÍTICA — COMEMORATIVA DO TERCEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DO GRANDE POETA. PUBLICADA NO FORTO POR EMILIO EIEL — TYPGRAPHIA GASESCKE & DEVRIENT — LEIPZIG — MDCCCLXXX — 40 cm. X 31 cm.

Esta edição é oferecida a Pedro II cujo retrato segue-se logo após a efígie do Poeta desenhada por Burger e gravada por Neumann Picheler. Introdução de José Gomes Monteiro. Canto I é precedido de ilustrações fora do texto. Notas no fim do volume. Rica e cuidadosa encadernação da própria casa editora.

30 — POEMS, FROM THE PORTUGUESE OF LUIS DE CAMOENS; WITH REMARKS ON HIS LIFE AND WRITINGS. NOTES, &c. BY LORD VISCOUNT STRANGFORD — ACCIPIES MEROS AMORES — CATULL — THE SECOND EDITION — LONDON — 1804 — PRINTED FOR J. CARPENTER.

A "edição princeps" é de 1803. O retrato do poeta, ao que parece, não surgiu nesta edição. E' oferecida a Denham Jephson. A este respeito informa Juromenha referindo-se à edição d 1803: "Traz um retrato do Poeta e depois umas armas juntamente com a dedicatória, as quais não sei se pertencem ao Lord ou à pessoa a quem é dedicada a tradução". Consta esta edição de uma nota histórica "Remarks on the Life and Writings of Camoens (pgs. 1-39) e da tradução de vários poemas. Dos Lusiadas apenas foi traduzida a estância 38, do canto VI, pgs. 108-115, onde as páginas pares está o original. As notas explicativas estão às pgs. 119-160.

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.

"MOINHO RECIFE"

FARELO DE TRIGO

OLINDA

RAÇÕES BALANCEADAS:

Bovinovita

Equinovita

Suinovita

PERNAMBUCO

Anevita
RECIFE

Viagem ao Rio Grande

Aderbal Jurema

I

ESTAS notas de viagem explicam, singelamente, o que de mais importante aconteceu dentro e à margem do Congresso de Escritores, realizado em Pôrto Alegre, de 25 a 30 de setembro. Comecemos, porém, com uma ligeira exposição do que sucedeu antes da viagem ao Rio Grande.

1 — Em setembro de 1949, a minha atitude e a de um grupo de intelectuais democratas do Recife foi a de recuperar a ABDE local. Enquanto no Rio, após uma eleição tumultuosa em que saiu vencedora a chapa do sr. Afonso Arinos, a diretoria eleita abandonou a ABDE do Distrito Federal nos vencidos, nós, aqui, tinhavam pela prisão uma diretoria adversa. E, num pleito renhido, conseguimos eleger, por completo, uma nova diretoria. Assumimos a direção da ABDE local e, durante o mandato, resistimos a todas e qualquer espécie de agitação demagógica. Mesmo assim, poucos eram os nossos eleitores que se interessavam pelas sessões da ABDE, enquanto os da corrente vencida compriam, em massa, a todos elas. Veio o congresso da Bahia e procuramos nos articular com os colegas de Minas. De lá veio a resposta de que não compareciam ao Congresso da Bahia. Naquela oportunidade, consultada a diretoria, esta se pronunciou pela abstenção da ABDE de Pernambuco e lançamos um manifesto explicando o nosso ponto de vista em face de um congresso absolutamente sectário. Mas os congressistas realizou-se e daí que mesmo vários associados da ABDE tomaram parte no encontro. Ainda mais: um grupo de intelectuais mineiros para lá se dirigiu disposto a recuperar a ABDE para os democratas, mas não encontrou apoio nas outras delegações, todas elas sob a batuta da ABDE do Distrito Federal, entregues aos comunistas pela renúncia do grupo Afonso Arinos. Em 1950, a ABDE local elegeu Silvino Lopes para seu presidente, ficando nos quadros diretores uma maioria absoluta de democratas. Tinhamos verbas asseguradas em lei e a vida da seção local corria placidamente, sem que tivesse havido novas tentativas de desvirtuar a orientação profissional que havíamos imprimido à mesma.

Começaram a chegar notícias do Congresso de Pôrto Alegre. E, dentre outras, a de que a ABDE de Minas, reorganizada, compareceria também a de Alagoas, Ceará, etc. O presidente em exercício, o poeta Cezário de Melo, convidou-me para uma reunião. Vi com tristeza que a maioria dos intelectuais democratas lá não compareceu e que, se fosse escolhida, naquele dia, a delegação pernambucana, nós seríamos fragorosamente derrotados. Adiou-se a esculha definitiva e começamos, então, a congregar os elementos dispersos. A maioria deles consultada concordou em ir a Pôrto Alegre para que enfrentássemos a orientação sectária do Congresso, como todo indicava ser em face do que já havia acontecido na Bahia. Numa das sessões preparatórias tive oportunidade de dizer, à corrente adversária, que só iríamos em maioria porque sabíamos o que nos esperava em Pôrto Alegre. Únicamente não queríamos bancar o avestruz com a cabeça por debaixo da asa. Enfrentaríamos face a face o problema da recuperação da ABDE. E, após, longos debates, conseguimos escolher uma maioria de 17 representantes verdadeiramente democratas contra 8 marxistas ou crypto-marxistas.

2 — Aproxima-se o dia do embarque e muitos de nossos companheiros começaram a desistir, ora por motivos particulares, ora por dificuldades inesperadas. Quando verificamos que a nossa corrente estava reduzida a onze e que se fossem 25 estariam em minoria, agimos no sentido de reduzir o número o mais possível, inclusive em face do número de que dispúnhamos para cunhar as passagens da delegação. Esta ficou reduzida a 17, conforme lista de nomes publicada em toda a imprensa recifense. Dos 17, 11 nossos, dispostos a afirmar, em Pôrto Alegre, as nossas convicções de que a ABDE não devia ser um partido político nem o congresso um motivo para pregação demagógica em torno de "slogans" do Partido Comunista. E preciso que se saliente, aqui, que a cada delegado coube somente a importância da passagem de ida e volta ao Rio Grande e isso mesmo em avião misto. Daí muitos dos nossos companheiros tiveram que desembolsar o excedente para viajarem em aviões mais confortáveis.

3 — Dia 23 de setembro — Em avião da Panair, às 6 horas da manhã, partimos eu, Carlos Moreira, Cezário de Melo, Andrade Lima, Luiz Beltrão e Ismar Moura, rumo a São Paulo. No mesmo dia, Jordão Emerenciano seguiria na Cruzero, Via Rio, e na segunda-feira seguiriam Lauro Lino, Edson Régis e Altamiro Cunha, na Aerovias, via Rio. Os outros, nossos adversários ideológicos, conseguiram, por interferência de terceiros, grandes abatimentos em outras companhias e, por isso, não foram nossos companheiros de viagem.

Chegámos a São Paulo à tardinha, bem moldos de uma viagem cheia de etapas: Salvador, Canavieiras, Governador Valadares, Lagoa Santa (Belo Horizonte) e finalmente a capital bandeirante, onde nos hospedamos, por nossa própria conta, no modesto Lux-Hotel.

4 — Dia 24 — Encontro com o poeta José Tavares de Miranda, pernambucano que encabeça os olhos dágua quando revê os seus companheiros de infância.

5 — Dia 25 — Rumo a Pôrto Alegre, em avião da Cruzeiro. 3 horas de viagem magnífica. No

aeroporto de Pôrto Alegre divisamos logo a figura singular de Jardão Emerenciano, com a sua inseparável comenda na lapela. Também estávamos nos esperando o jovem ensaista Jonas Ferreira Lima e o escultor Abelardo da Hora. A comissão de recepção do Congresso conduziu-nos para um hotel ou melhor para uma estalagem. Horas depois, apareceu-nos a poetisa Lila Ripoll, presidente da ABDE do Rio Grande, que veio, muito pesarosa, justificar o engano da hospedagem. O fato é que, no dia seguinte, fomos muito bem hospedados, no "Preto Hotel".

A tarde, enquanto comparecemos ao salão de honra do IAPI, onde deveríamos realizar as sessões ordinárias do Congresso, os nossos companheiros Altamiro, Laurêncio e Edson desembocavam no aeroporto da capital gaúcha. A noite, antes da sessão inaugural, no Teatro São Pedro, fizemos uma pequena e rápida reunião da nossa bancada, para traçarmos a nossa linha de conduta, a começar pelo discurso que Cezário de Melo como presidente da delegação, deveria pronunciar logo mais, na instalação solene do IV Congresso Brasileiro de Escritores. Até então não conhecíamos os componentes das outras delegações, nem sabíamos a sua orientação.

6 — E, no Teatro São Pedro literalmente cheio, com a presença de quasi todas as delegações estaduais, vimos logo que quasi todas as delegações estavam lideradas pela do Rio que era, em sua totalidade, a turma que havia se apoderado da ABDE pela retirada do sr. Afonso Arinos.

Mas não recuamos um milímetro. Cezário de Melo assumiu a tribuna e disse, alto e bom som, que tínhamos comparecido ao Congresso sabendo de antemão que a sua tendência era sectária, mas que ainda estava em tempo de fazermos do cláusula uma reunião de intelectuais em torno de seus problemas mais prementes, acima de qualquer orientação político-partidária ou de sectarismo internacionalista. Que se o Congresso envolvesse pelo sectarismo, nós, da delegação de Pernambuco, consideraríamos que se estava invadindo o atentado do óbito da ABDE nacional. E isto foi dito e irradiado para o país através das emissoras que lá se encontravam transmitindo a solenidade.

Dai por diante a delegação de Pernambuco passou a ser olhada com respeito pelo adversário e com admiração pelo povo de Pôrto Alegre.

No dia seguinte tinhámos, então, o nosso primeiro contacto com Erico Veríssimo, Moisés Vellinho e outros que haviam rompido recentemente com a ABDE do Rio Grande. Nesse primeiro encontro, eles manifestaram o pânico e a admiração da nossa atitude porque pensavam que o Congresso ia correr de acordo com os planos traçados pelos comunistas. Chegaram a dizer que podiam esperar tudo, menos que de Pernambuco, de Pernambuco que é tido lá no sul como uma cidadela vermelha, viesse uma gente diferente, com a coragem e a soberania de enfrentar a ABDE nacional no seu próprio reduto que, segundo elas, era o IV Congresso Brasileiro de Escritores.

II

7 — Dia 26 — Na sessão solene do Teatro São Pedro, todos os oradores salientaram a figura do escritor paulista Galeão Coutinho, vítima de um desastre de avião às vésperas do Congresso de Pôrto Alegre. O autor de "Sílvia, o Caíño", foi, na verdade, um homem amigão do livro. Toda sua vida está ligada à sua profissão de escritor, de livreiro, de editor. E a delegação de Pernambuco, em meio às mensagens de paz que surgiram às dezenas durante o Congresso, manifestou o seu peito pelo desaparecimento de quem se pode considerar pacificamente um homem de letras.

8 — Dia 27 — No dia seguinte, às 9 horas da manhã, juntamente com os demais membros da comissão de imprensa da ABDE, fomos para o Teatro São Pedro, todos os oradores salientaram a figura do escritor paulista Galeão Coutinho, vítima de um desastre de avião às vésperas do Congresso de Pôrto Alegre. O autor de "Sílvia, o Caíño", foi, na verdade, um homem amigão do livro. Toda sua vida está ligada à sua profissão de escritor, de livreiro, de editor. E a delegação de Pernambuco, em meio às mensagens de paz que surgiram às dezenas durante o Congresso, manifestou o seu peito pelo desaparecimento de quem se pode considerar pacificamente um homem de letras.

9 — Dia 28 — Sessão plenária muito movimentada com discussões intermináveis sobre literatura infantil. Condenação geral da literatura infantil em quadrinhos. Apresentaram a bancada de Pernambuco ressalvando a forma da literatura infantil em quadrinhos e condenando o conteúdo da mesma. Apelo do Congresso para que se exerça maior vigilância, por parte da família, na literatura infantil que entra nos lares através de revistinhas cristinas.

10 — Dia 29 — Sessão plenária sob a presidência de Cezário de Melo. Teses relatadas de interesse geral como a de Arquimedes de Melo Neto, da Editora Casa do Estudante do Brasil, sobre o problema do livro nacional. No meu relatório não opinié quanto as conclusões, porque elas reclamam amplo debate do plenário, principalmente

na parte que se referia à criação de uma Cooperativa Central Editora, no Rio. Fiz preferência para minha indicação, que se achava sobre a mesa dos trabalhos, sobre o problema da editora em Pernambuco e o atual projeto de lei que se encontra na Assembleia Estadual. Um representante da bancada do Distrito Federal propôs que verbas como a de Pernambuco sejam encaminhadas para a ABDE do Distrito. Andrade Lima e Carlos Moreira chamaram a atenção do colega carioca para o fundamento de autonomia literária das províncias. E fomos bandeirados, firmes, no sentido de que a Cooperativa Central fosse criada, mas em relação aos Estados devia agir como órgão distribuidor das nossas edições provincianas. Nada de juris na metrópole, nem de aqüabarcamento de nossas verbas. Levantaram-se as bancadas do Ceará, Goiás e Alagoas e apoiaram, com veemência, a orientação da bancada de Pernambuco. Posta em votação, a indicação de Pernambuco é aprovada por esmagadora maioria. E ainda constou de ato um voto de elogio ao Governo de Pernambuco, encarnado no seu Legislativo e no seu Executivo, pelo atenção e carinho que estavam dando ao problema da editora provincialina. A tese de Arquimedes, bem discutida, foi aprovada por unanimidade, porém, de acordo com os termos de meu parecer.

Nesse dia tirei que defender cerca de quatro relatórios que apresentei sobre tópicos diversos, como clubes agrícolas, livro didático, crítica literária, etc. A bancada pernambucana lavrou grande teto porque todos os relatórios, embora muito discutidos, terminavam por ser aprovados por unanimidade, inclusive uma emenda de Carlos Moreira quanto fiz ver a um representante carioca que a poesia não podia ser contida num simples etc., como queria o colega de D. F., mas que ela estava acima e além das palavras.

11 — Dia 30 — Ontem, num churrasco, a delegação de Pernambuco agradeceu, à poetisa Lila Ripoll, a hospitalidade gaúcha. E hoje estamos chegando ao fim das sessões plenárias que se têm realizado das 2 da tarde às 22 e 23 horas.

Até agora as discussões não têm fugido ao temário do Congresso. Muita cordialidade entre os congressistas, mesmo no mais aceso dos apertos. Os cearenses querem o V Congresso no Recife. São Paulo pede para o Rio. Aparece uma idéia: Goiânia.

Na sessão do dia 29 houve critica severa contra a inatividade da ABDE nacional e mais uma multidão de assuntos sobre arte, cinema, etc. A bancada de Pernambuco apresenta uma indicação no sentido de que, em face da heterogeneidade ideológica dos congressistas, ficasse estabelecido que as teses aprovadas não implicavam em representar o pensamento oficial do concílio, antes deviam figurar nos anais do Congresso como contribuições culturais. Aprovada por unanimidade.

Noite agradável em Pôrto Alegre. Um vento frio e cortante, embora não fosse o inverno, saída a face dos pernambucanos que se dirigem para a residência do romancista Erico Veríssimo, onde estavam sendo esperados. Lá encontramos o caruaruense Limeira Tejo, autor de "Retrato Sincero do Brasil", Moisés Vellinho e Manoel Dornelas. Numa roda de senhoras, o Barão de Itararé contava a odisséia de seus estudos na Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre. Era mosso quatro, inclusive o poeta José Tavares de Miranda. Os gaúchos confraternizaram conhecendo ao som do frêvo, no passo brabo iniciado pelo Altamiro e seguido por mim e Carlos Moreira. Erico falou da sua próxima viagem ao Recife em companhia do editor Bertaso, da Globo, que também estava na casa do romancista mais lido no país.

Junto da lareira accesi vimos um exemplar da edição norteamericana de "O Tempo e o Vento". Limeira não se cansava de falar de Caruarú, aliás de bem, o que é coisa rara no jornalista pernambucano... E de bem se falou do discurso de Jardão Emerenciano, essa tarde, apresentando Pereira da Costa como patrono do Congresso.

12 — Dia 30 — Logo pela manhã desse domingo,

soubemos que a bancada de São Paulo e a do Distrito não estavam de acordo com os termos da declaração de princípios que Andrade Lima, em comum com a maioria da bancada pernambucana, havia redigido. Sucedem-se longas reuniões preparatórias entre os representantes de todas as bancadas e não se chega a um acordo. Ambas diferiam em questões de princípio. Fomos para o plenário na tarde de 30 dispositos a dizer as coisas com clareza. E Andrade, como redator da declaração, foi o nosso intérprete. Disse que a nossa declaração era verdadeiramente democrática, e que repelia quaisquer espécies de "slogans" político-partidários. Que todos nós estávamos de acordo no sentido de que a paz é necessária ao desenvolvimento da cultura, mas que o nosso apelo de paz era aberto a todos os povos da terra. E que, se fôssemos derrotados, nos reservaríamos o direito de divulgar a por todos o país. Em nome da outra declaração de principios, falou o romancista Dalredo Jurandir. Na votação, pedimos que ela fosse nominal. Defendeu a sua declaração, mas não entrou em detalhes ideológicos. E nem precisava disso porque já sabia que contava com a maioria. E aí aí ficou constando a relação dos nomes dos congressistas que votaram com a Declaração de Pernambuco que teve o apóio de Minas, Alagoas, metade do Ceará e um de Bahia.

A repercussão da atitude da maioria da Delegação de Pernambuco não se fez esperar. No dia seguinte, os jornais de Pôrto Alegre abriam colunas com a nossa Declaração de Princípios e lá se expandiu por toda a imprensa brasileira, tendo sido lida e comentada na Câmara Federal, na Assembleia Estadual de Pernambuco e na Assembleia Municipal do Recife.

13 — Dia 1º de outubro — Regresso ao Recife via São Paulo-Rio de Janeiro. Andrade, Beltrão e Jardão foram a Buenos Aires por sua própria conta. Visita, em São Paulo, ao Museu de Arte. Rodin no original!

14 — Dia 2 — Oswald de Andrade, o revolucionário n.º 1 do modernismo brasileiro, abre as portas de sua casa aos pernambucanos. Lá estavam José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, ensaista de "Alfeu e Arretusa" e romancista de "O Banco de três lugares", e a cronista da "Folha da Manhã", de São Paulo, Helena Silveira. José Tavares de Miranda fala extasiado na sua proxima vinda ao Recife a fim de assistir ao lançamento de seu novo livro de poemas, "Passo da memória", pela revista NORDESTE. Convidado, com Altamiro, Cezário e Carlos, Oswald a vir a Recife fazer uma conferência, na DDC, sobre as consequências atuais do Modernismo. José Geraldo também topa uma excursão ao Recife. Os pernambucanos são brindados a "champagne" pelo grande e inteligentíssimo Oswald de Andrade.

15 — Dia 3 — Magníficas viagens de São Paulo ao Rio, na companhia de meu fraternal amigo Ferraz de Almeida, pela estrada pavimentada Presidente Dutra. Fala-se no plano rodoviário Agamenon Magalhães. Aquela estrada é uma antemanchado que será Pernambuco com as suas estradas de concreto.

16 — Dia 4, 5 e 6 — No Rio, os abstencionistas indignados do Congresso e manifestaram a sua admiração pela atitude de Pernambuco. Almoço pra aqui, jantares pra ali. Simão Leal nos presenteia com o último número de "Cultura". José Lins do Rêgo paga-me um almoço na Colombo e o Flamengo, nessa tarde, derrota o América por 2x1! Na noite de 6, José Condé nos leva ao Rádio Ministério da Educação. Meia hora de irradição sobre literatura provincial. Waldemar Lopes, em casa, se delicia com o "sotaque" puro nordestino de Cezário e Carlos.

17 — Dia 7 — Volta ao Recife. No aeroporto dos Guararapes, primeiras informações de comentários jornalísticos contra a nossa ida no Congresso... Moreira responde despicante: Santo da casa não faz malogrado... Retomamos nossas atividades certas de que a ABDE pernambucana saiu mais rejuvenescida da luta. E agora aos livros, porque os louros ficarão para todos, inclusive para os que não combateram.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Literatura - Livros escolares, técnicos e científicos

LIVRARIA DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE, 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO



ZULMIRA MORTA

Penso comovidamente;
Penso amargamente em Zulmira morta,
Abandonada pelos homens
Pois seu corpo já recebeu a estranha marca da Eternidade

Penso em Zulmira, morta em seu leito de prostituta,
Sem ter quem a leve para o cemitério
Porque os que a possuíram se envergonham, agora,
[da companheira,
No momento preciso em que ela deve atravessar as
ruas da cidade
Redimida e distante de seu próprio corpo

Penso em Zulmira morta,
Com o rosto transfigurado e o corpo vazio,
Cercada pelas últimas companheiras

De igual pobreza e de igual destino,
Com o sangue escorrendo-lhe do seio,
Onde a maldade do amante penetrou a afiada lâmina

Penso em Zulmira morta,
Em Zulmira que fôra tanta ternura para os soldados,
Para os marinheiros;
Alvas mãos protegendo os ébrios;
Meigo coração dividido com os abandonados

Penso em Zulmira morta como pensarei no futuro dos
filhos,
Como se ela fosse um objeto indispensável para a
viagem.

Uma flor para o jarro,

Sal ou luz

Penso em Zulmira morta
E me penitimento por ter sido mancha em sua alma,
Acréscimo em sua desordem,
Mutilação em seu amor;
Quando poderia ter sido o seu guia
Nas encruzilhadas misteriosas de Deus

Penso em Zulmira morta !

Que este poema não seja
Um simples comunicado ou a notícia indiferente !
Que este poema seja mais do que a elegia do amigo
Ou a lembrança do soldado !
Que este canto de ternura e remorso
Seja lágrima e flor,
Humilde inscrição em sua lápide !

(1849)

O FILHO

Lendôra tão nova
Tão nova e tão loura
Desgosto na face
Um filho no corpo
De pai navegante
Um filho sem nome
Só feito de angústia
Gerado na noite
Do frio abandono

Promessa ela teve
De amor e assistência
Um lar bem tranquilo
Em troca do corpo
Que ainda não fôra
Por outro habitado

Menina infeliz
De loura beleza
Ingênua donzela
Sem marcas do mundo
Aceita o convite
Do homem do mar

Vestido de onda
Fugaz como o vento
Lendôra tão nova
Tão nova e tão loura
E hoje na vida
Por esse mistério
A mãe dolorosa
Imagem do pranto
Que carne se fez
Pedago de dor
Que gera no sangue
O filho inditioso
Da louca maldade
Com sua inocéncia
Só feita de sonhos

Lendôra tão nova
Tão nova e tão loura
Um filho no corpo
De pai navegante

Lendôra tão nova
Tão nova e tão loura
Um filho no corpo
De pai navegante

(1948)

A VIRGEM DESNUDA

Nas águas do mar
Profundas e verdes
Que quebram na praia
Em alvas espumas,
Ocorre um mistério

Um corpo desnudo
De jovem donzela
Passela nas águas
Nas noites de escuro
Juntando nos braços
Nos braços lascivos
Pedacos de corpos
De corpos sem vida
Que vivem a bolar
Estranhos cabeças
De louros marujos
Pedacos de pernas
E mãos decepadas
Cabelos lavados
Nas águas salgadas
Em paz com as algas
E os bichos marinheiros

A jovem donzela
De corpo desnudo
Procura nos mares
Nas noites de escuro

O jovem marujo
Que foi o motivo
Do seu suicídio

Recolhendo as partes
Dos corpos que acha
Perdidos nas águas,
A virgem desnuda
Com sal e com peixes,
Procura em seu corpo
Fazer outro corpo
Que seja o primeiro,
Que tanto procura

Nas águas do mar
Profundas e verdes
Que quebram na praia
Em alvas espumas,
Ocorre um mistério

Inquieta donzela
De corpo desnudo
Passela nas águas
Procura nos mares
Um jovem marujo
Perdido nas ondas

(1947)

POEMA

Eu lembro neste poema o desespere da solteirona,
Da mulher melancólica que assiste sozinha,
Da janela já sem esperança ou do leito vazio,
A passagem do tempo; do tempo que se transforma
[em rugas no seu rosto
Do tempo impiedoso que a amedronta e que a leva
[para o espelho,
O espelho que revela no silêncio e na dor, os primeiros
[cabelos brancos,
O medo de ficar só, que é muito pior do que o medo
[da lepra.

Eu lembro neste poema, o heroísmo da solteirona que
[fez a resistência da castidade
E nunca se prostituiu em gestos ou em pensamentos
E foi uma enganada pelos homens,
Pelos homens que não sentiram a mínima repercussão
[de sua tragédia.

Eu lembro o sofrimento da solteirona que olha nos filhos
Das amigas de infância e nos filhos de suas próprias
irmãs,
Os filhos que seriam seus, nascidos também de seu
[sangue e de sua carne.

Eu relembro o desespere "da mulher que pensou em
[ser mãe e só foi meretriz"
Mas eu lembro, sobretudo, o desespere maior de que
[não foi nem meretriz
A solteirona que sente a mocidade fugir do seu rosto,
[se desprender do seu corpo com amarga violência,
Como um cirio que se acaba consumindo-se pela sua
[própria chama,
A solteirona que se abandona à janela, em vagos de
[sejos de morte,
A consoladora de todos aflitos.
A solteirona que juntou nos sentidos e na alma, as
[mais ternas carícias,

Para o espôso tão ansiosamente esperado,
E sentiu seus gestos de amor projetarem-se no ar,
[inutilmente, sem eco,
Como uma fotografia, parada, e depois se fizeram lá-
grimas e desespere depois.

Aos homens que passam distraídos pela rua,
Peço um momento de atenção, um aceno, um parti-
cular interesse
Para a solteira que está à janela, inutilmente.

Aos homens que passam apressados, para os negócios
[ou para casa,
Sobrassando embrulhos, pastas, ou mesmo, sem nada,
Eu peço que parem um pouco, e esqueçam os negócios
E beijem a face da solteirona e toquem seu corpo
Que ele rebentará num cravo vermelho, sangrando de
[seiva e de vida
(Os sentidos estavam apenas abandonados !)

Aos padres confessores, peço clemência para os pensa-
mentos e os gestos da solteirona

Porque Deus sabe muito bem que ela é sozinha.

(1948)

CANÇÃO DO ARQUIPÉLAGO

Das Cinco Chagas de Cristo
Emergiu o Arquipélago
Das almas desesperadas

Do lado esquerdo de Cristo
Desfizeram-se os limites
E cresceu o Arquipélago
Em proporções e na dor
De tal maneira cresceu
Que um lugar, hoje, não há
Sem ilha de sofrimento

Da fronte viva de Cristo
Ferida pelos espinhos
Os habitantes nasceram
Povoaram o Arquipélago
De muitas almas sangrando

Na mão direita de Cristo
Raagada no tóssio lenho
Luz de sangue alumiou
Aos nautas tão confundidos
A rota certa, o caminho
O retorno do Arquipélago.

Desse tão vasto Arquipélago
De tanta gente algemada
De corpos tão mutilados
Sopradis pelo mistério
Do infarto e da dor
Escute a nossa canção

E o canto universal
Da delinquência infantil
Gemidos de suicidas
Gritos de moças donzelas
Pisado pelos tacões

Pedindo filhos a Deus
A ronda das prostitutas
Em tórra beira de cíias
Fetos tirados do ventre
E nas sargentas jogados
O choro convulso, ardente
Até dos orfãos adultos

A fome perturbadora
Projeto a sua imagem
Nas tórras da catedral
Gemidos de suicidas
No vale, o Iório já murcho
Pisado pelos tacões

Das más hordas sucessivas
O sonho gasto da jovem
Aprovada no concurso
Que espera inutilmente
A justa nomeação

E o canto universal
Que todos ouvem em surdina
Que vem de baixo da terra
E se estacela no céu
Constituindo-se em ilhas
Do vasto, imenso Arquipélago.

(1951)

Poemas de Guerra de Holanda



FÁBRICA DE LATAS PARA GAZOLINA, QUEROZENE, OLEOS E QUAISSQUER
OUTROS TIPOS

FONE : 2575 — RUA DA AURORA, 1243

CARAMELOS, CHOCOLATES, BOMBONS, MASSAS ALIMENTICIAS, COLORAU,

CANELA, CUMINHO E TEMPERO :

LITOGRAFIA — TIPOGRAFIA — ESTAMPARIA

RENDÀ, PRIORI & CIA.

MATRIZ: RUA PE. MUNIZ, 127/159 Fones: -ESCRITÓRIO 8025 - SEC. GRAFICA 6777

FILIAIS: BELEM-PARA — Caixa Postal, 650 — SALVADOR-BAIA - Caixa Postal 238

END. TELG. "RENDÀ"



O suplemento literário do "Jornal do Commercio" vem publicando, há alguns meses, desenhos de uma nova artista. Trata-se de Beatriz Melo, aluna da Escola de Belas Artes, e autora do desenho que estampamos acima, especial para NORDESTE

Vitorioso 100%!

JA SE ENCONTRAM EM EXPOSIÇÃO

Os Novos Modelos 1952

VENDAS COM FACILIDADE DE PAGAMENTO

Distribuidores exclusivos para ALAGOAS, PERNAMBUCO,
PARAIBA E RIO GRANDE DO NORTE

JOÃO C. TAVARES DA SILVA

Agência - Secção de Peças - Oficinas: RUA DO MUNIZ, 162
Telefone, 6538 — End. Teg. DASILVA
RECIFE — PERNAMBUCO

**6 LITROS POR 100 KM
90 KM POR HORA**

4 CV RENAULT
um carro que sobe!

**QUANTO PESA 1 QUILO
DE FIO DE COBRE ?**

**NO MEU ORÇAMENTO É 100%, MAIS
PESADO DO QUE HÁ DEZ ANOS!...**

— Como todos os materiais que minha Companhia emprega em seus serviços, o cobre não fugiu à regra. Seu peso é, evidentemente, o mesmo, mas pelo que atualmente custa, faz aumentar de muito as despesas da minha Companhia! E, já imaginou quantos quilômetros dêisse fio temos extensidos nesta cidade? — perguntou "Seu" Kilowatt o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS AND POWER CO. LTD.

CANTATA DO CAFÉ

21, Dezembro-INAUGURAÇÃO

Campomizzi FILHO

Comemora-se neste julho o segundo centenário de Bach. E de todas as partes surgem louvores à obra imortal do mestre, ouvidos em grandes festividades as partituras daquele que transpõe à sua música um mundo de glórias que vencem estas centenas de anos com um mesmo esplendor de novidade e de beleza. Interpretando os sentimentos da alma, fazendo com que os homens se compreendessem melhor na sublimidade de suas obras, o mestre deixou uma herança das mais expressivas, como se a sua arte fosse toda uma oração de ternura elevada aos céus em doce enlèvo.

Há muito de suavidade cristã nas músicas de Bach. O próprio autor parece revivido na paz inspiradora de sua obra, voltando-nos a um misticismo de nave santa, contornando-nos o espírito com as grandezas de uma melodia que fala profundamente como palavras mágicas de brevíario.

Latinos, amigos da música que tanto nos comove e tanto nos encanta, este centenário de Bach não passa despercebido aos meios culturais do país. E isso principalmente por uma dúvida de gratidão para com o mestre. Uma das suas mais simpáticas composições, aquela que mais lirismo demonstra, como se fosse uma ternura de perfeita expressão nos acordes tome, uma das óperas do mestre canta o nosso principal produto agrícola, tecendo elas ao café numa época de incompreensão das altas qualidades benéficas da rubiácea.

O gênio de Bach conseguiu vencer as distâncias do tempo. E ele próprio antecipou-se no espaço, atingindo o futuro como um predestinado às glórias imperecíveis. Na história da música, seu lugar é de maior destaque, revolucionando a arte com uma produção perfeita e jamais ultrapassada, maravilhando os séculos e admirando as gerações.

O estro de Bach elevou as grandezas de nossa pátria, cantando em altos tons as virtudes do "coffee brasiliensis". E num período em que nosso país não passava de esquecida colônia lusa, já o compositor alemão exaltava a rubiácea

que havia de ser a mais importante riqueza nacional, louvando-lhe os méritos quando pesava por sobre a infusão bendita uma injusta campanha de descredito.

Em sua célebre "Cantata do Café", representada em Nova York, publicada em Leipzig em 1732, Bach em Frankfurt e mais tarde nos fala a história de uma jovem que se tornou amiga do café, usando-o constantemente pela satisfação que lhe davam o bom gosto e a flagrância agradável da bebida. O pai, afilito, quer por todos os modos tirar-lhe tal hábito. Entretanto, seus esforços são baldados, pois a moça não cede nem mesmo aos rogos da tóda a família. As próprias ameaças são vãs. E somente a promessa de que o pai lhe arranjará um casamento fez com que a moça prometesse deixar de tomar café. Mas quando o velho sai em busca do prometido candidato à mão da filha, esta secretamente faz um voto de só se entregar àquela que, no contrato nupcial, se comprometesse a deixá-la usar o café quando lhe aprovasse.

A "Cantata do Café" é das peças de Bach uma das mais sublimes. A docura dos sons é mesmo um poema encantador deliciando os ouvidos. Emoções agradáveis se despertam à suavidade da música. E se há lirismo cristão na obra do mestre, esse também existe na "Cantata do Café", como se as frutinhas vermelhas dos cafeeiros frondosos, como afirma a lenda singela, fossem de fato uma lembrança das lágrimas de Jesus no monte das Oliveiras.

Basilio de Magalhães, historiador patrício, traduziu as palavras da ópera. Mas parece que a edição esgotada não bastou para trazer à partitura a repercussão merecida. E neste segundo centenário de Johann Sebastian Bach, é preciso fazer ressurgir-lhe a obra, pois será essa mais uma das forças tornando-o cada vez mais amado e mais admirado da gente brasileira. Será ainda uma justa homenagem a quem, ouvido em dois séculos por todos os povos, nem por isso perdeu as suas características de perfeição e de atualidade.

A música de Bach se apresenta como estrofes de harmonia. Une os homens numa comunhão fraternal de amizade e de carinho, como se o tom de prece tivesse o condão mágico de aproximar a todos na admiração da arte pura. E o cafezinho também é força ajudando as famílias no abraço terno da refeição matinal. E' saudação de hospitalidade no desejo de um novo dia feliz. Bach exaltou o café. Foi, por antecipação, um pouco de louvor à nossa terra. E hoje, os cafeeiros floridos, enchendo a paisagem, quando a brisa leve baloça as folhas verdes, a sua música imortal parece extravasar-se ainda como uma canção de amor.



O romancista SOMERSET MAUGHAM, autor de «A casuaria» e «Seis Novelas», traduzidas pela Editora Globo. O retrato acima figurou numa galeria de arte de Londres.

21 DE DEZEMBRO DA FEIRA DE AMOSTRAS DO RECIFE

Sob o patrocínio da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio

ANEXA A

XV Festa da Mocidade

319 Expositores! 319 Expositores!

PAVILHÕES:

INDÚSTRIA E COMÉRCIO
USINAS DE PERNAMBUCO
AGRICULTURA
AUTOMÓVEIS E MÁQUINAS
DEPARTAMENTOS ADMINISTRATIVOS
MUNICIPALIDADES

Uma demonstração viva das nossas possibilidades econômicas! Uma revelação das atividades governamentais! A FEIRA DE AMOSTRAS DO RECIFE, instalada numa área de 35.000 mts., é um grande empreendimento da mocidade pernambucana, é uma organização que orgulhará ao povo de Pernambuco!

Visitem os pavilhões da Feira de Amostras do Recife e admirem os magníficos Stands instalados ali.

Um mundo de luz! Um mundo de alegria!
Um mundo de grandes atrações!

21 de dezembro —

INAUGURAÇÃO

21 de dezembro

FEIRA DE AMOSTRAS DO RECIFE

CASA BRANCA

... os mais lindos tecidos ...

RUA DUQUE DE CAXIAS, 216

M. L. CAMPOS & CIA.

Fone 6695 - Inscrição n.º 3740

RECIFE — PERNAMBUCO

USINA SERRO AZUL

Inscrição n. 54 — (PALMARES)

JOSÉ PIAUHYLINO GOMES DE MELLO

Escritório:

Rua da Assembléia n. 67 - Térreo - Ed. São Gabriel

Fone 9322 - RECIFE - PERNAMBUCO

V JORNADA BRASILEIRA DE PUERICULTURA E PEDIATRIA

Homenagem da Cia. de Tecidos Paulista S/A., aos componentes da V Jornada — Aspectos curiosos da visita ao famoso "Haras Maranguape" — Batendo papo com o craque Mossoró — Discursa o professor Hector Vasquez, da Universidade de Buenos Aires — Notas.

O Recife hospedou, há dias, grande número de cientistas, médicos puericultores e pediatras, assistentes sociais e outras pessoas empenhadas na solução dos problemas da criança, e que aqui se encontravam como participantes da V Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, congresso médico que alcançou repercussão em todo o país e no estrangeiro. Dos vários Estados da Federação brasileira, bem como doutros países do continente e da Europa, acorreram renomados especialistas, como os professores Martagão Gesteira, diretor do Departamento Nacional da Criança, e Raul Briquet, de São Paulo; da Argentina, o professor Vasquez, autor de trabalhos já mundialmente conhecidos sobre o tratamento da epilepsia na criança; o professor Giovanni de Toni, da Itália, catedrático da Universidade de Génova, e o professor Salazar de Sousa, de Portugal, um dos nomes mais cortejados da moderna ciência portuguesa, pesquisador dos mais apaixonados, catedrático da Universidade de Coimbra, e detentor de vários outros títulos que representam, no campo de suas atividades, indiscutível consagração.

Aos participantes da V Jornada foi proporcionado um interessante programa social, constando de banquetes, shows, carnaval, visitas a lugares históricos, etc., iniciativa dos organizadores da Jornada com a ajuda de firmas comerciais e industriais do Recife.



Policlínica Anna Elisabeth — Cia. Tecidos Paulista S.A.

A Companhia de Tecidos Paulista S/A., que acerca de meio século serve a Pernambuco e ao Brasil, com suas fábricas e lojas intervindo decididamente na economia do país, promoveu uma visita dos jornalistas ao parque industrial da cidade de Paulista, onde a mão do homem vem tornando realidade o propósito de compreensão entre o capital e o trabalho, obra verdadeiramente gigante da família Lundgren, atualmente à frente o Comendador Artur Lundgren.

Partindo do Grande Hotel, numa frota de ônibusposta à sua disposição pelos diretores da Companhia, os jornalistas rumaram para aquela cidade, onde foram recebidos pelo Comendador Artur Lundgren, pelos snrs. Manuel Pinto e Hercílio Celso, por pessoas da localidade e populares. A primeira visita foi feita à Policlínica Ana Elisabeth, moderníssima realização da Companhia de Tecidos Paulista S/A., em favor de seus empregados.

Em seguida, a comitiva de visitantes

esteve na sumptuosa e original igreja, que se ergue no coração da praça pública, outra iniciativa da Companhia. Ali, as senhoras tiveram ocasião de fazer suas orações e de observarem detalhes da magnífica obra arquitetônica, constituída com tijolos vermelhos de friso branco de fabricação da Companhia, em Rio Tinto, distrito do município de Maranguape, no Estado da Paraíba. Vivamente impressionados com a moderna aparelhagem da clínica Ana Elisabeth e demais realizações da Companhia Paulista S/A., nos campos social e moral, os ilustres visitantes tiveram palavras de encômios ao espírito empreendedor do seu atual chefe, Comendador Artur Lundgren, cuja ação preferentemente se desenvolve no setor da assistência à maternidade e à infância.

No "Haras Maranguape", campo de criação de cavalos de corrida, os excursionistas tiveram oportunidade de satisfazer a curiosidade que os dominava desde a saída do Recife — conhecer o famoso puro sangue Mossoró, cujas vitórias no exterior e no Brasil o consagraram como um dos maiores craques nacionais. Fotografias foram tiradas, com senhoras, senhorinhas e médicos abraçando ao manso puro sangue brasileiro, propriedade e orgulho do Comendador Artur Lundgren, que, aproveitando a oportunidade, resolveu batizar um dos últimos rebentos de seu afamado "Haras". Para padrinho foi escolhido o ilustre médico português, professor Salazar de Sousa, que ao potrinhos chamou "Hope".

Encerrada a visita ao "Haras", aos congresistas foi oferecido, no clube de tênis, um lanche de frutas típicas pernambucanas. Na ocasião, falou em nome dos visitantes o professor Hector Vasquez, da Argentina, cumprimentando o realizador de tão magníficas obras de assistência social e econômica, Comendador Artur Lundgren.



O professor Hector Vasquez, da Argentina, apreciando frutos regionais, no Clube de Tênis de Paulista



O comendador Artur Lundgren recebe os cumprimentos do prof. Salazar de Souza em Paulista — Pernambuco

NO IV CONGRESSO DE ESCRITORES BRASILEIROS

(Continuação da pg. 20)

PROCLAMAM, perante a nação, independente de tendências de qualquer natureza, a sua crença firme e inabalável de que os altos objetivos somente poderão ser alcançados mediante a aceitação dos seguintes princípios:

a) — repúdio absoluto a todos os sistemas de intolerância, opressão ou negação das liberdades humanas;

b) — repulsa a todas as condenações de escritores e jornalistas, ocorridas no Brasil e em outros países, por delitos de opinião;

c) — oposição, nos termos do art. 141 da Constituição Brasileira, a quaisquer manifestações tendentes à propaganda de guerra ou à subversão violenta das instituições, como contrárias à evolução natural e pacífica dos povos;

d) — condenação sistemática e indistinta a todas as lutas de conquista que visam a dominação cultural, política ou econômica e impedem, desse modo, o princípio de auto-determinação dos povos;

e) — aceitação dos regimes fundados à base do sistema representativo, da organização pluri-partidária e da concepção democrática da vida;

f) — transformação pelas grandes potências dos órgãos de guerra em órgãos de paz, a fim de evitar o perigo de um novo conflito e assegurar, desse modo, o bem-estar social e o progresso cultural dos povos;

g) — realização de um amplo entendimento entre todos os países no sentido da superação da crise atual e na criação de condições efetivas para uma paz justa e duradoura;

h) — colocação dos engenhos científicos e das riquezas minerais de cada país, não como instrumento de destruição e de guerra, mas como elementos capazes de assegurar o progresso dos povos e a sobrevivência da cultura e da civilização.

Assinados) — Aderval Lima Filho, Cesário de Melo, Carlos Moreira, Aderval Jurema, Luiz Beltrão, Laurêncio Lima, Jonas Ferreira Lima, Edson Regis, Ismar de Moura, Jordão Emerenciano, Altamiro Cunha — de Pernambuco; Walteinsir Dutra, Edson Moreira, Fábio Lamas, Verna do Castro, Laia Corrêa de Araújo, Afonso Ávila, José Maria Casassanta — de Minas Gerais; Antônio Gírio Barroso, Mozart Soriano Aderval, José Stênio Lopes — do Ceará; Igor Tenório, Hilton Paranhos e José Pinto Góis — de Alagoas; Arquimílio Ornelas — da Bahia.

ANOTAÇÕES

TOMAS SEIXAS

RIO — Ontem assisti ao aniversário do alto de um edifício pertinho do Aeroporto, lugar que considero dos mais encantadores do Rio. Vi as estrelas começarem a cintilar timidamente num céu muito alto. Vi o céu tornar-se de uma cor azul profunda, quasi oriental. Eu vi a noite cair sobre a cidade.

Acompanhado de *** e de *** fui ao Ballet Theatre, no Municipal. Ao sairmos a noite tornara-se muito clara. Uma luminosa noite de junho que me fez recordar as noites quasi brancas de Rennes.

O tempo continua admirável. Começou a época mais bela do ano, mas como a temperatura desce bastante durante a noite as pessoas abandonam as ruas e refugiam-se não nos próprios lares e sim nas inúmeras casas de diversões fazendo-me acreditar que desconhecem por completo os sinuosos remédios que Alphonse Daudet aconselha contra as malas da vida.

Depois das três, sob um mês de sol de inverno, começo a percorrer as ruas da cidade. Visito algumas livrarias e termino por desembalar ao longo da avenida Beira-Mar. Durante esse passeio solitário recordo-me de 0*** e de MD***.

* Criei cada vez mais firmemente nos Anjos. Tendo tido esmagadoras provas das suas benefícias intervenções junto às criaturas humanas. De um que partiu muito jovem em vos poderia contar muitas coisas mas um Poder muito alto me impede de pronunciar-lhe o nome e também de revelar os seus segredos.

** Vez por outra me vem, naturalmente, ao espírito, alguns versos de Joaquim Cardoso, homem e poeta que tanto admiro. Seus Poemas acham-se indissoluvelmente ligados à fase mais dura da minha existência no Rio. Durante esse período quase de exílio seus Poemas foram minha leitura predileta. Dada a minha própria solidão compreendi em toda a sua extensão a solidão desse poeta. Senti, comodamente, toda a nobreza dessa existência solidária entre as mais sofridas; a sua profunda humildade em face das grandes coisas da vida e ao mesmo tempo a sua melancolia, a quasi involuntária ternura que se exala dos seus poemas. Uma paisagem, uma simples paisagem, nos versos de Cardoso é sempre uma paisagem da alma. Ele se apieda do mundo e diz que está chovendo sobre o mundo e sobre as almas e invoca Mariana. Seu subjectivismo tão puro não tem de hermético, apenas é apurado ao extremo e por isso mesmo muito raro. As suas fidelicías que ele viu nascendo em Tramatafa, a significação que emprestou à simples palavra todavia a flor escarlata que Benedito Monteiro traz nas mãos ao lhe aparecer dentro de uma noite profunda, são cristais preciosos poéticos da mais alta beleza.

*** Alphonse Daudet foi um homem que sofreu os maiores rudes traumas. Senti isso instintivamente ao ler pela primeira vez Lettres de Mon Moulin. Nesse livro de conteúdo quasi meigo há laivos da amargura de uma alma lacerada. Sua forma indulgente e meiga nunca me iludi. Senti e senti na mesma o triste de uma grande alma injustamente torturada, a consciência superior de alguém que foi cruelmente injustiçado mas incomprendido. Ah! Como torno a sentir agora essa mesma impressão!

**** Em Le Petit Chose a subtilíssima ironia de Daudet nunca se transforma em sarcasmo ou ironia para com a vida mas volta-se com ferocidade para as diferentes espécies de filisteus que povoam o que em muitas ocasiões lhe deve ter parecido um mar de burrice. Na figura do lagubre vale não de lágrimas Tio Batista Daudet estigmatizou todos os filisteus do mundo. "Ah! vilé imbecile!" — escreveu — "de quel air sentencieux et convaincu il disait cela en coloriant sa grammaire espagnole! Depuis, j'en ai souvent rencontré dans la vie, de ces hommes sioidant très graves, qui passaient leur temps à colorier des grammairies espagnoles et trouvaient que les autres n'étaient pas sérieux."

Em Le Petit Chose há pouco publicado (*) abordei uma questão muito perigosa (e não é a primeira vez em que, neste pobre Diário, volto ao mesmo problema). Para explicar qual meu pensamento em relação ao livre-arbítrio adotei no referido trabalho uma forma aparentemente

fantástica ou fantasia. Mas queria, visto a necessidade de confessar agora, claramente, que não tenho a menor dúvida sobre a limitação da vontade. A vontade humana ou o que igualmente julgamos ser a nossa vontade tem os seus limites matematicamente traçados e é em tudo condicionada pelas mesmas leis imperiosas que regem a natureza. Credo, sem hesitação, ser o homem um produto da sua consciência, mas essa consciência, como o gênio, a sua estatura ou a altura dos seus cabelos, pertence menos a ele do que a essa misteiriosa vida que o cria e da qual bem pouco ainda sabemos. Com o célebre exemplo da casta Nietzsche documentou, de modo irrefutável, que, em última instância, a vontade não passa de uma ilusão do orgulho humano. (V.)

* Discordo inteiramente dos que

consideram fracos ou desdenháveis os pequenos poemas de Radiguet. Coisa alguma do que Radiguet escreveu me parece desdenhável. O autor de Le Diable au Corps foi realmente o portador de uma estranha mensagem, e psicólogo ou analista poético de uma fase da evolução humana que, talvez mais do que qualquer outra, participa do Mistério que rege a vida, e por isso mesmo muito difícil de ser fávida. Ele próprio teve sempre a consciência aguda do valor da sua mensagem e no prefácio aos seus versos confessa que "a ce moment de la vie les mots ont la valeur d'années". E nos adverte ainda, como raros analistas ou teóricos da poesia moderna inclusive o grande T. S. Eliot, qual

* Des bêtes féroces gardent la capitale". (4)

*** quando depois das 6 horas

da noite a multidão se atropela nos postos de bondes e de ônibus e nas avenidas melançolicas. Quando um pobre homem fatigado do trabalho diário e carregando enormes embrulhos considera um presente do céu uma simples vaga num ônibus ou numa lotação e se encolhe no assento da mesma não como um bemaventurado mas olhando em torno com ars desconfiados e aspecto de bandido. Quando os homens cheios de fadiga e de tristeza se olham com rancor e criam disputas por incidentes fúteis. Quando alguém dentre essa massa anônima demonstra paciência ou bom-humor em meio a impaciência ou ao desespero alheio. Quando o triste rebando das mulheres mercenárias bandidas de suas habitações venhas por uma ordem

policial iniqua, que lhes fecham as habitações mas não a necessidade de pecarem, começa a sua ronda através da cidade. Quando os que permanecem durante quasi todo o dia nos bancos do Passeio Público, da Praça Paris e da Cinelândia partem para desertos ignorados. Quando os homens sem lar ou sem família endevoram pelos bares ou cruzam os batentes de restaurantes tristes, sentindo-se mais solitários do que nunca...

14. Li num dos últimos números de Les Nouvelles Littéraires (5) uma entrevista de Camus no qual o autor de La Peste mostrava desgostoso com os seus dramas. Em Caligula — diz ele — quis apenas pintar um caráter, mas caído o pano do teatro transformaram o meu personagem num símbolo... Cet homme amer, sombre, Camus L'Africain, le pestifère Camus, deseja agora escrever algo que faça rir. Aguardemos pois a outra face de Camila.

(*) A Casa de Deus.

- (1) Nietzsche — Humano, Muito Humano.
- (2) Radiguet — Les Jours en Feu.
- (3) Radiguet enganou-se, leia-se filisteus.
- (4) Radiguet — Op cit.
- (5) 10. maio 1951.

Deante da vida me sinto hoje confundido e triste; mas por vezes, em meio ao trabalho diário, me vem um desejo louco de escrever uma Ode Imobiliária! As

novos-ricos, de turistas ignorantes e de gente frívola que não concebe outra forma de existência fora dessa infame macacação do que os centros civilizados possuem no gênero. De vez em quando numas dessas boites, que já não se tornam estupidamente famosas, e que são sempre dirigidas de maneira misteriosa por estrangeiros suspeitíssimos, rebentam algumas preguinhas-artísticas vindas de Paris que vêm mistificando com os seus horrores românticos a flora da decadência do povo de tupinambás que infelizmente ainda somos. A célebre Greco das cabaretas existencialistas e que por sinal não é cantora nem artista em coisa alguma, já andou numa dessas boites sendo mercadejada por um bando de aventureiros internacionais que gozam de regalias excepcionais e assim vão enriquecendo rapidamente sem que se saiba exatamente como. Tudo isso vai se tornando muito digno de estudo, mas tudo isso é sobretudo muito triste. Fui diversas vezes a esses lugares ver de perto o que muitos só conhecem de longe e me senti em todas essas ocasiões como uma espécie de marionete fantasma no meio de uma mediocre imitação da verdadeira Dança Macabra.

O GONDOLEIRO, A MORTE E O DESTINO

"Combien prenez-vous pour allez-là?

Le regard tourna au loin par-dessus la tête d'Aschenbach le batelier dit:

— Vous paierez.

Une réponse à cette parole s'imposait. Aschenbach répliqua machinalement:

— Pas du tout. Je ne paierai pas si vous me conduisez où je ne veux pas aller.

— Vous allez au***.

— Mais pas avec vous.

— Je conduis bien". (La Mort a Venise).

Caussem-me profunda repulsa nesses séries que vêm seguindo suas mediocres trajetórias sem que nem sequer atraçam a atenção. E entre tanto esses indivíduos que, aparentemente, vão caminhando sozinhamente pela vida não são nem simples e nem sozinhos e vivem rodeados de uma nem sempre secreta inveja pelo que nos outros é distinção, personalidade, fortuna, triunfo, ou apenas mocidade. Esses frustrados de vários matizes e categorias nem sequer são séries simples porque são vulgarões. São esses filisteus que tentam pegar processos mais vis que macular o que nos outros é superioridade.

Admiro sem a menor restrição a Rubem Braga. O homem que escreveu Luto da família Silva, A casa do alemão, A menina Silvana e Um po de milho, não é, de forma nenhuma, o sibarita enfatizado, que um vulgarismo jornalístico que se pretende fazer passar por um orgão do mais puro idealismo, tentou inutilmente caricaturar. Rubem não é apenas um mestre da crônica é um dos poucos escritores do Brasil que, através de todos os descendentes, continua hereticamente fiel a si mesmo e à arte a que se dedicou. Esse grande escritor que é também um homem livre continua a desafiar, quasi diariamente, os nossos poderosos, mostrando-lhes, de uma maneira mais poética e mais ferida do que o próprio Eça "que édes não têm idéias, não têm maneiras e têm capa". Como nenhum outro escritor brasileiro dos nossos dias Rubem Braga continua a desafiar esses senhores com a mesma atitude e disposição corajosa com que esteve na frente da Itália e com que viajou de avião até ao Acre. Encontro-me casualmente com Joaquim Cardoso. O poeta vinha caminhando pelo rua, na Escalada do Castelo, com um ar absorto, quasi de sonâmbulo. Vamos juntos a um café pequeno. Ao alto do Ministério da Educação o céu está de um azul puríssimo. Inevitavelmente falamos do céu do Recife em novembro, dezembro e janeiro, na floração das árvores, nos luminosos dias de dezembro... Falamos do céu, das árvores, dos rios e da paisagem do Recife. Das suas dróves dos seus caixeiros criminosa e derrubados; em espécies raríssimas de mangueiras e de cajeiros desparecidas e talvez que até para sempre. Falamos ainda no estádio massacrado das antigas e belas dróves do Sítio da Jaqueira que Aytron



Moça com vestido de baile — Quadro a óleo de FEDORA DO RÉGO MONTEIRO FERNANDES — 1º lugar (Prêmio Universidade do Recife) no X Salão Anual de Pintura do Estado de Pernambuco.

LADJANE: — GRANDE PRÊMIO GOVERNO DO ESTADO — FEDORA DO RÉGO MONTEIRO FERNANDES: — PRÊMIO UNIVERSIDADE DO RECIFE

X Salão Anual de Pintura do Estado — Coube à sra. Fedora do Régo Monteiro Fernandes, nome já consagrado nos meios artísticos brasileiros, o 1º lugar (Prêmio Universidade do Recife) na classificação promovida pelo júri do X Salão Anual de Pintura do Estado, com o quadro que reproduzimos acima por gentileza do "Diário de Pernambuco". Em 2º lugar foi classificado o jovem pintor Petrônio dos Santos, seguindo-se menções honrosas para diversos expositores. O Grande Prêmio Governo do Estado foi conferido à nossa ilustradora Ladiane, cujo trabalho reproduzimos na última página.

Na seção de escultura, foi detentora do 1º lugar a artista Clécia Victor dos Reis que seguirá, ainda este ano, em viagem para os Estados Unidos. O Salão deste ano esteve mais movimentado do que nos anos anteriores, destacando-se a seção de escultura que pela segunda vez funcionou no certame.

(Continua na pg. 16)

ESCOLA PROFISSIONAL BENVENUTO LUBAMBO

REDE FERROVIARIA DO NORDESTE

FINALIDADE — A ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIARIA BENVENUTO LUBAMBO, de Jaboatão tem por fim a formação técnica do pessoal para as oficinas da Estrada, abrangendo os seguintes ofícios: serralheiros, operadores mecânicos, caldeireiros, ferreiros, fundidores, soldadores, eletricistas, carpinteiros e marceneiros.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO — A ESCOLA PROFISSIONAL funciona sob as diretrizes da SEÇÃO DE TRANSPORTES DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL que orienta cursos semelhantes em outras Estradas do país.

A direção e o controle imediato da ESCOLA estão a cargo do SERVIÇO DE ENSINO E SELEÇÃO PROFISSIONAL DA ESTRADA.

O Curso terá a duração de três anos e consta de trabalhos metódicos de aprendizagem e de aulas teóricas. As aulas são ministradas de manhã e a aprendizagem à tarde, em oficina especialmente destinada a esse fim.

Os trabalhos de aprendizagem são completados por estágio de observação na OFICINA GERAL DA ESTRADA.

Durante o Curso, são dadas também aulas de Higiene e Educação Física, acompanhadas de assistência médica.

VANTAGENS

1.º — O aprendizado é metódico e seriado de modo a formar o artífice hábil e capaz de seguir os progressos da técnica.

2.º — O Curso é completamente gratuito e os alunos ganham diárias progressivas, de acordo com o aproveitamento demonstrado.

3.º — Os alunos diplomados ingressarão nas oficinas da Estrada como candidatos para vagas de oficiais depois de dois anos de aprendizagem.

4.º — Os alunos gozarão de redução nas passagens e terão passe livre durante as férias.



Aspecto fotográfico da escola profissional em pleno funcionamento

Costa Carvalho tentou, quasi quicotescamente, evitar. E' com a maior ternura que Cardoso se refere às coisas e à paisagem de nossa cidade natal: as nossas praias, as suas aldeias de pescadores, aos seus coqueiros, jangas e barcaças, a todo um povo heróico e humilde. Fala-me ainda em sítios que, nos seus tempos de adolescente, possuíam dróveras que hoje tornaram-se rurais distantes do Recife; em sítios que possuíam muitos pés de uvaia, de jaboticaba, diferentes

ANOTAÇÕES

(Continuação da pg. 15)

espécies de jambo e de cajás, nos pés de canela que estão desaparecendo, no antigo jardim de Olinda onde existiram espécies de árvores muito raras... Suas palavras também me levam para o passado, para o meu tempo de criança na casa do meu avô. Possuímos em nosso grande sítio caueiros, fruta-pão, cameleira, guabirabas, mangueiras famosas de Itamaracá: papo-roxo, maçã,

res derrubadas. Penso nas diferentes espécies de mangas designadas pela palavra comum: manga comum. Oh! deliciosas e desaparecidas "mangas comuns", por quais espécies "não comuns" substituiram? Penso também, não com melancolia e sim com revolta, com despera revolta, em outros valores de nossa vida brasileira ainda mais ricos do que os seus mais característicos frutos e que uma cada vez mais falsa civilização vai insensatamente destruindo... Insensatamente ou de má fé?

A ESPECIALISTA

RUA 1.º DE MARÇO, 85

RECIFE

Tem sempre o brim de linho, o tropical ou a casimira que V. S. precisa e sempre pelo melhor preço da praça

CAIXA DE CRÉDITO

MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(CRIADA PELO DECRETO ESTADUAL N.º 161,
DE 20 DE AGOSTO DE 1938)

End. Teleg. - "CREDIMOBIL"

Telefone, 9041 - Caixa Postal, 649

Avenida Rio Branco, 23

RECIFE - PERNAMBUCO

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

BANCO DO NORDESTE

LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Enderêço Telegráfico: "BANORDESTE" - Telefone: 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

DENTRO DE DOIS ANOS, ESTARÁ CONCLUIDO O NOVO EDIFÍCIO DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

Com uma cerimônia simples, porém de alta significação para todos os pernambucanos, marca-se de ser assinado o contrato entre diretores da Caixa Econômica Federal de Pernambuco e representantes da "Sociedade Construtora de Obras Públicas Limitada", com sede na capital alagoana, para construção do novo e suntuoso edifício onde passará a funcionar, dentro em breve, a Caixa Econômica Federal de Pernambuco.

Iniciando a cerimônia, usou da palavra o dr. Amaro Pedrosa, presidente daquela autarquia, que não escondeu o seu entusiasmo, ao se referir ao grande empreendimento.

"Após dez anos de lutas e canseiras, a Caixa Econômica Federal de Pernambuco vai construir seu novo edifício" — disse — demonstrando o contentamento que não invadia, nesse momento, em resolver um problema que há tanto tempo desafava solução.

No época, como se sabe, a imprensa recifense publicou o editorial de concorrência para a construção da nova sede daquela autarquia, a qual deveria ficar situada em terreno já determinado, na avenida Guararapes.

A essa concorrência inscreveram-se seis firmas construtoras, vencendo-a a "Sociedade Construtora de Obras Públicas Limitada" (SCOP), sediada em Maceió, Alagoas, que tem como diretor o engenheiro Lisanel de Melo Motta.

FATOR DE PROGRESSO

A cidade do Recife cresce a todo momento, enchendo-se de prédios modernizados o que bem atesta o grande progresso da terra capital do país.

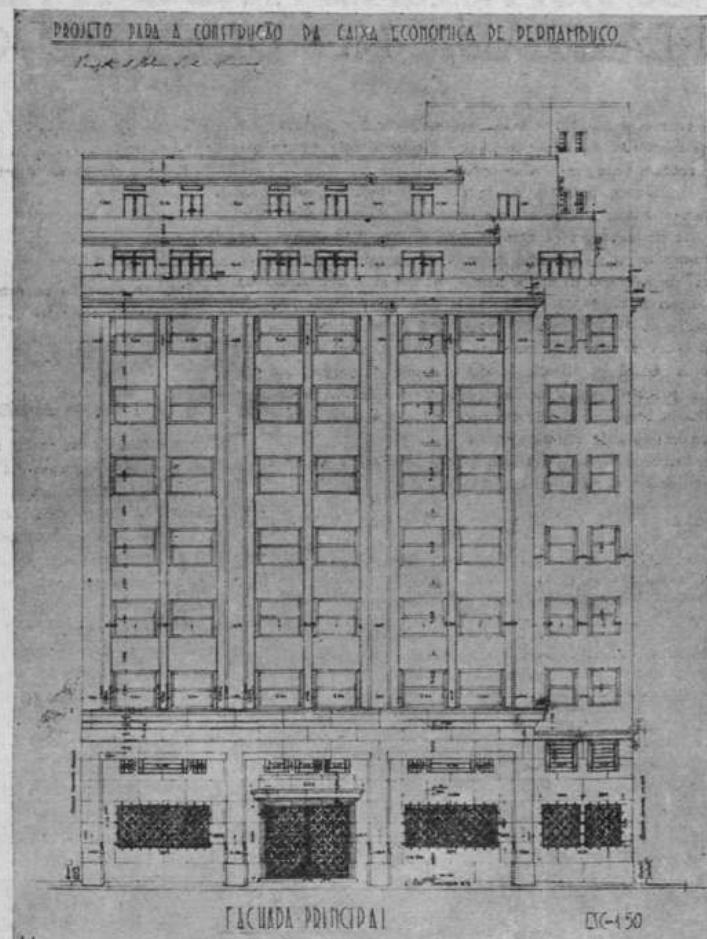
E a Caixa Econômica Federal de Pernambuco não podia permanecer alheia a esse progresso, pois, como se sabe, é ela também um dos fatores dessa grande transformação por que vem passando a capital do Estado, dadas suas atividades no fornecimento de crédito.

Os trabalhos de construção, sob a responsabilidade do engenheiro de minas sr. Lisanel de Melo Motta, também diretor-gerente da "SCOP", será processado dentro dos planos previamente traçados, de modo a que seja entregue dentro do prazo previsto no contrato, isto é, dentro de vinte e quatro meses.

ORÇADO EM QUINZE MILHÕES

A cotação fornecida pela empresa construtora, para o edifício sede da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, quinze milhões, seiscentos e dez mil cruzados, dará uma ideia aproximada ao leitor da grandiosidade que será o novo prédio.

Contará ele com doze pavimentos e um sub-solo, e será construído numa área de oitocentos metros quadrados, tendo cerca de 10 mil metros quadrados de área edificada. Ficará, como se sabe, localizado numa posição invejável, em esquina, dispondo,



Aspecto do futuro edifício da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, mostrando a fachada principal que ficará na Avenida Guararapes, a grande artéria do Recife

ainda, de três suntuosas fachadas, uma das quais vai publicada, bre-loja, 2.º e 3.º pavimentos, onde ficarão instalados os diversos serviços. O restante do edifício será alugado.

ASSINADO O CONTRATO

Conforme nos referimos no início destas notas, finalmente, foi realizada a assinatura do contrato entre a Caixa Econômica Federa-

ral de Pernambuco e a importante firma construtora alagoana.

Os trabalhos foram presididos pelo dr. Amaro Pedrosa, que teve como companheiro de assunto o dr. Henrique Portela, diretor do qual estabelecimento de crédito; dr. Pelópidas de Castro, consultor jurídico; sra. Maria Emilia Câmara, secretária do Conselho Administrativo, e o engenheiro Lisanel de Melo Motta, representante da Sociedade Construtora de Obras Públicas Limitada.

Mais adante, acrescentou o dr. Amaro Pedrosa:

"Este fato de uma firma alagoana vencer a concorrência para construir o edifício da Caixa Econômica, em Pernambuco, é uma prova de que nós, pernambucanos, não somos baixistas. Não encaramos assuntos desse tipo sob esse prisma. Antes, salientamos que todos nós somos brasileiros".

Ao finalizar o seu ligeiro discurso, declarou:

"Ao mesmo tempo aproveito a oportunidade para apresentar as minhas congratulações ao funcionalismo desta Casa e dou por aberta a sessão".

Em seguida, a sra. Maria Emilia Câmara procedeu à leitura do contrato, instrumento minucioso que regula nos detalhes a execução dos trabalhos de construção.

AS PALAVRAS DO DR. PELOPIDAS DE CASTRO

Após, o dr. Pelópidas de Castro, consultor jurídico da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, dirigiu-se aos presentes, afirmando:

"Chegamos, por fim, ao resultado desejado. Conseguimos que a Prefeitura do Recife desistisse de anular a escritura de aquisição do terreno da avenida Guararapes, onde será construída a nova sede da Caixa Econômica.

Esse é o resultado que devemos agradecer ao dr. Amaro Pedrosa,

junto ao governador Agamenon Magalhães, homem de alto

espírito administrativo, resultando em proveito da principal avenida do Estado".

Concluindo sua allocução, o dr. Pelópidas de Castro adjuntou:

"Por tudo isto, proponho que todos nós, funcionários da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, solicitemos ao presidente Amaro Pedrosa a inserção, na ata, destes trabalhos, de um voto de aplausos e congratulações ao governador Agamenon Magalhães".

Logo depois, teve lugar a assinatura do contrato, dando-se por encerrada a sessão.

PESSOAS PRESENTES

Entre outras pessoas presentes, conseguimos anotar as seguintes:

Srns. Pelápio da Silveira, Pelópidas de Castro, João Holmes, Phebidas Cordeiro, Fernando Neves, Carlos Regueira, Dinâmérico Andrade, Ary Mota, Roberto Melo, Francisco Rodrigues, Tancrelo Tavares, Amaro Pedrosa Júnior, Waldemar Teles, José Ricardo Carneiro da Cunha, José Cavalcanti Uchôa, Amaro Pedrosa, Henrique Portela, Dr. Origeno Caldeira, Ricardo do Rêgo Barros, Carlos Barreto, Ayabar Cavalcanti, Tibério Freire e Erico Freire; sras. Maria Emilia Câmara, Maria do Carmo Sá e Maria Conceição Teixeira; senhorinhas Antônio Pidua, Maria Antônia Sampaio, Maria das Anjos Guerra, Maria Eugênia Catunda, Iara Ferreira Pires, Inovil Fonseca e Avany Barreto.

O novo edifício da Caixa Econômica Federal,

no Recife, será mais um patrimônio imobiliário à altura do progresso da capital pernambucana.



Nobre a presidência do Dr. Amaro Pedrosa, reunião o Conselho da Caixa Econômica Federal de Pernambuco para aprovação de planos sobre novas construções, inclusive da edificação da nova sede da autarquia



Reunião do Conselho da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, vendo-se o Dr. Amaro Pedrosa, presidente, o Dr. João Holmes, Eng. Chefe da Com. de Fiscalização, Sra. Maria Emilia Câmara, Secretária do Conselho, conselheiro Henrique Portela e sra. Yara Pires, sec. da Comissão de Fiscalização

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Ltda.

REFERENTE À SAFRA 1950/1951 APRESENTADO À ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA REALIZADA NO DIA 3 DO CORRENTE

Senhores Associados:

De acordo com o que determinam os nossos Estatutos, temos a honra de apresentar aos senhores associados as contas e o balanço encerrado no dia 31 de agosto de 1951 e o Relatório de todas as atividades sociais durante o exercício 1950/1951.

Lamentamos não poder registrar neste Relatório um resultado mais satisfatório para os produtores açucareiros desta região na safra em análise. Continuamos trabalhando em bases desfavoráveis sujeitos a um prego tabelado para o nosso produto na safra 1948/49, e ainda hoje vigorante apesar dos sucessivos aumentos verificados em todas as utilidades necessárias à indústria açucareira que atingiram a percentagem alarmante.

Durante três safras consecutivas trabalhamos incessantemente junto aos poderes competentes, demonstrando a necessidade da fixação de um preço justo para o açúcar e advertindo as altas autoridades que a indústria não poderia subsistir se não lhe fosse concedido amparo eficiente. Esclarecemos através de dados concretos e irrefutáveis, qual o preço mínimo indispensável para fazer face aos aumentos das utilidades imprescindíveis à indústria açucareira. Nenhuma solução definitiva alcançamos e sentimos encerrar as contas da safra 50/51 num estado de inquietação e de dúvida quanto ao destino dessa secular indústria que vem subsistindo à custa de esforços ingentes dos produtores e de sua organização de classe, empenhados, em conjunto, nessa luta pela sorte da indústria açucareira, na qual repousa a própria economia do Estado.

Cumpre-nos informar aos nossos associados que já entregamos ao Exmo. Sr. Presidente da República um circunscrito memorial acompanhado de elementos minuciosos e irrefutáveis em que poderá Sua Excelência ajuizar da real situação da indústria açucareira deste Estado.

Nossa ação foi apoiada por outro memorial assinado por nove Governadores dos diversos Estados açucareiros dirigido ao Chefe da Nação. Secundaram nosso pleito as organizações de classe dos diversos Estados açucareiros, usineiros, fornecedores, operários; todos irmados no desejo de um feliz desfecho para o drama da produção açucareira nacional.

Contamos com o apoio do Instituto do Açúcar e do Álcool e do Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, convededores da crise que ameaça a economia nordestina. No Parlamento Nacional, muitas vozes se ergueram salientando como são razoáveis as nossas pretensões.

Acreditamos, assim, haver realizado tudo quanto nos era possível fazer para conseguir o reajustamento do preço do nosso principal produto, procurando convencer as autoridades, esclarecendo a opinião pública e oferecendo todos os dados para demonstração cabal da indeclinável justiça das nossas reivindicações.

Contudo, até o presente momento, nada foi resolvido, embora estejamos certos de que o Exmo. Sr. Presidente Vargas, profundo convededor da nossa economia açucareira, quer tantos benefícios lhe deve, não demorará a determinar providências que possam assegurar a indústria e, sobretudo, o ânimo exausto dos que nela mouremos.

Não fôssemos a exata compreensão dos nossos atuais problemas por parte do Sr. Ricardo Jafet, Presidente do Banco do Brasil e pelos seus demais diretores, notadamente dos Sras. Loureiro da Silva, Egídio Câmara e Vilobaldo Campos e pelo Sr. Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, Dr. Silvio Bastos Tavares, a boa vontade demonstrada também pelas suas administrações regionais, não se poderia calcular a que posição teríamos sido arrastados.

PRODUÇÃO

Procurando atender às determinações dos órgãos administrativos que fixaram a quota de produção deste Estado em 9.360.287 sacos a ser alcançada até 1956/1957, esta Cooperativa, mobilizando todos os seus recursos, pôde prestar relevante auxílio aos usineiros a fim de que eles aumentassem as suas safras, na expectativa de resarcir os prejuízos e as novas inversões com a melhor remuneração do produto.

Como resultado das medidas adotadas temos a satisfação de registrar no ano agrícola de 1950/51, uma produção de 8.054.568 sacos de açúcar de diversos tipos, superior à da sa-

gra passada em 1.552.388 sacos. Foi esta a maior produção até hoje verificada que esperamos, seja superada pela futura safra fundada para 9.000.000 de sacos.

Infelizmente o prego do açúcar não ajuda o produtor a colher os frutos do seu esforço no sentido de colocar o nosso Estado em condições de atender, com a sua quota integral, ao consumo nacional, que vai crescendo dia a dia, numa média de cerca de 2.000.000 de sacos anuais, a indicar que o limite de produção de 33.364.158 sacos, fixado para o país, vigorante até a safra de 1956-57 inclusive, não será suficiente para as necessidades do consumo. Esse indispensável aumento de produção só poderá ser atendido quando estabelecido preço justo para o produto, estimulando os produtores e facultando-lhes os meios de ampla renovação das suas instalações industriais e dos seus processos de cultura agrícola.

Damos a seguir, uma relação das usinas que aumentaram a sua produção na safra 1950/51:

USINAS	SAFRA 49/50	SAFRA 50/51
Aliança	175.674	210.855
Agua Branca	107.933	134.135
Aripipó	96.512	114.184
Bamburrall		
Caxangá	245.196	352.835
Estreliana		
Barão Suassuana	107.342	151.234
Barra	60.759	76.544
Brasil	11.115	20.115
Bom Jesus	147.976	157.599
Buihôes	118.579	166.152
Cachoeira Lisa	158.416	168.843
Capibaribe	31.545	48.890
Catende	480.562	642.857
Central Barreiros	474.228	538.313
Central Olho d'Água	101.459	145.584
Crausatá	15.123	16.633
Cruangá	135.495	155.111
Cucuá	256.099	290.965
Frei Caneca	90.269	110.118
Ipojuca	122.902	131.574
Jaboatão	137.258	176.194
José Rufino	53.968	69.078
Marin das Mercês	44.815	80.729
Massauassu	226.624	284.632
Matari	143.811	182.866
Muribeca	50.281	68.769
Mussurepe	100.287	123.012
N. Senhora do Carmo	75.244	108.035
N. Senhora Maravilhas	92.195	129.947
Peri Peri	22.348	33.831
Petríboli	54.496	77.830
Pirangi	31.217	67.135
Pôrto Rico	25.564	37.017
Pumati	110.164	134.846
Rio Una e Sto. André	218.688	250.474
Rocadinho	142.974	172.204
Salgado	178.284	224.534
Santa Inês	20.015	27.533
Santa Teresinha	205.888	231.557
Santo Antônio	380.990	421.245
São José	63.339	77.414
Serrão Azul	61.224	92.426
Sibéria	130.379	131.015
Tiuma	12.644	20.007
Trapiche	217.783	260.826
13 de Maio	215.386	277.099
União e Indústria	107.512	147.969
	202.545	245.030

ESCOAMENTO

Toda a safra foi escoada normalmente graças a um perfeito entendimento entre esta Cooperativa e as Empresas de Navegação, notadamente o Lloyd Brasileiro.

A produção entregue à Cooperativa, foi assim distribuída:

Produção entregue	5.803.502
Remanescente da Safra 1949/50	56.065
Sobras na Trituração	428
	5.859.995
Faturamento — País	5.167.252
Faturamento — Exterior	687.641

Donativos	391
Quebras	1.561
Estoque em 31 de agosto	3.161
	5.860.036

MENOS:	
Açúcar entregue na safra 1949/50 e faturado nesta safra	5.859.995

PREÇOS E DESPESAS DA SAFRA

A média líquida obtida na safra 1950/51 para os açúcares entregues à Cooperativa foi de Cr\$ 160.72.742 por saco de 60 quilos, base cristal, apesar de termos entregues cerca de 2.000.000 de sacos ao Distrito Federal e Estado de São Paulo, na base líquida de Cr\$ 149,00 por saco.

Em face do preço oficial FOB-Recife de Cr\$ 159,10, a média alcançada representa um resultado impar na vida desta Associação, confirmando o cuidado e interesse com que foram orientados os negócios confiados à sua administração para o que concorreu, também, a exportação para o exterior de 687.641 sacos a melhor preço e as vendas realizadas diretamente, por esta Cooperativa aos varejistas, com a margem de 10%, estipulada na Resolução n.º 534, do Instituto do Açúcar e do Álcool, que dispõe sobre o plano da safra 51/52 (parágrafo 2º do artigo 19).

Este resultado teria sido realmente animador, se no mesmo período, o custo de produção industrial não houvesse superado largamente essa vantagem auferida, como consequência da alta permanente de todos os artigos de que carece a indústria, muito deles elevados em percentagem de 100%, 200% e até mais.

Visando o melhor resultado para os produtores a Administração da Cooperativa restringiu despesas dentro do máximo de suas possibilidades. Assim as despesas gerais da Organização atingiram a Cr\$ 7.270.272,10, o que corresponde a Cr\$ 0,97.594 por saco.

As despesas de retenção no valor de Cr\$ 11.893.973,50 ficaram reduzidas a Cr\$ 6.524.421,50, em virtude da bonificação concedida pelo I. A. A. no valor de Cr\$ 5.369.552,00, sobre os açúcares warrantados. Dividindo esta quantia pelos açúcares entregues à Cooperativa, no total de 5.803.502 sacos, encontraremos Cr\$ 1.12.422,10 por saco de açúcar, cobrado, somente, dos produtores que entregam o seu açúcar à Cooperativa.

Sentimo-nos satisfeitos em apresentar esses resultados que são fruto de grande esforço. E, ainda, com maior prazer que registramos o fato de termos acertado as nossas transações com o Instituto do Açúcar e do Álcool, antes do nosso balanço em 30 de agosto último, possibilitando liquidar as contas da safra, com os nossos associados, no dia 30 de setembro, a exemplo do que fizemos no exercício passado.

FINANCIAMENTO

A Cooperativa realizou financiamentos aos seus associados durante a safra finda, no valor de Cr\$ 723.064.637,50. Para desse total o Instituto do Açúcar e do Álcool concorreu com a importância de Cr\$ 335.285.260,00, proveniente de recursos próprios, e através do Banco do Brasil, destinando-se essa parcela fornecida pelo I. A. A. à warrantagem de 2.684.776 sacos de açúcar.

Atendendo à situação da indústria e à dificuldade de crédito verificada na praça do Recife, que impediu o industrial de conseguir por si só os recursos financeiros precisos para a sua atividade, a Cooperativa ainda realizou operações bancárias a favor dos seus associados no valor de Cr\$ 363.993.668,70.

As cifras indicadas que totalizam Cr\$ 1.087.058.306,20 são expressivas e demonstram o esforço desta Organização, orientado no sentido de estimular e facilitar o aumento da produção, indispensável à estabilidade da indústria açucareira.

O Banco do Brasil, como de ordinário, concedeu financiamentos no período de entre-safra, aos usineiros, no valor de Cr\$

(Continua na pg. 19)

1.226.000,00. Outros Bancos da praça com a perfeita conciliação da sua elevada missão econômica, de importância do país que têm a desempenhar para o desenvolvimento da riqueza do nosso Estado, também fixaram financiamentos no total de Cr\$ 94.997.227,60.

E digno de registo o movimento de descontos de títulos feitos nos Bancos do Recife e do Rio de Janeiro, pela Cooperativa, que atinge o total de Cr\$ 1.248.581.644,50, conforme se verifica no mapa que ilustra este capítulo:

BANCOS	Valor dos títulos descontados
Auxiliar do Comércio S/A	105.856.341,10
Brasil S/A	257.016.956,80
Nacional City Bank	32.293.664,50
Bank of London	86.638.698,40
Povo S/A	48.506.910,80
Royal Bank of Canadá	21.909.878,00
Nacional Ultramarino	183.144.005,70
Nacional do Norte S/A	63.100.840,80
Nacional de Pernambuco S/A	101.984.804,20
Comércio e Indústria de Pernambuco S/A	16.783.706,70
Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A	81.750.446,80
Lavoura de Minas Gerais S/A	20.111.655,70
irmãos Guimarães Ltda.	6.815.020,10
Industrial de Pernambuco S/A	2.000.000,00
Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A — (c/ciação)	4.920.327,70
Comércio e Indústria de São Paulo (Recife) BRL C/Especial	18.199.747,80
L. A. A. — Recife	69.881.397,00
Comércio e Indústria de São Paulo (Rio)	52.516.953,70
Caixa de Crédito — Rio	3.078.591,30
irmãos Guimarães — Rio	27.000.000,00
Nacional de Descontos — Rio	3.957.942,20
Boa Vista — Rio	34.996.729,20
Banco da Bahia — Rio	4.027.500,00
	3.089.726,00
	1.249.581.644,50

A todos esses estabelecimentos de Crédito, a todos quanto colaboraram no movimento financeiro para manutenção da indústria açucareira de Pernambuco e para consequente preservação do equilíbrio econômico-social do nosso Estado dirigimos os nossos maiores agradecimentos.

MERCADORIAS

A Cooperativa, que, por todos os meios, tem auxiliado os seus associados, vem de há muito, adquirindo material indispensável à indústria, para distribuição entre as usinas do Estado.

Na safra 1949/50, essas compras atingiram a Cr\$ 19.202.738,20, representadas por capas de caroá, enxofre em canudo, enxadas, fios de caroá e sacos de algodão.

Acontece, porém, que a crise do algodão, diminuindo a produção de sacaria e elevando extraordinariamente o valor do saco, que de Cr\$ 6,80 passou a Cr\$ 14,00, obrigou a Cooperativa a tomar providências imediatas no sentido de prevenir-se para a safra futura e, assim, de posse dos pedidos antecipados da maioria das Usinas, de acordo com a estimativa da sua safra, adquiriu muito maior quantidade de sacos, a preços diversos que resultaram numa média inferior ao preço vigente no mercado em geral. Essas compras elevaram-se a Cr\$ 61.920.378,60. As compras de enxofre, dadas as dificuldades de importação foram reduzidas de Cr\$ 2.930.632,40 para Cr\$ 1.200.210,00; as de fios de algodão alcançaram o valor de Cr\$ 311.045,60, tudo totalizando Cr\$ 63.431.634,20, conforme resume abaixo:

Sacos de algodão	61.920.378,60
Fios de algodão	311.045,60
Enxofre	1.200.210,00
	63.431.634,20

Todas essas medidas que, indiscutivelmente, representam um esforço supremo da Organização a favor dos seus associados, visam garantir a produção açucareira de Pernambuco, que não deve perder no mercado nacional, a sua posição de prioridade.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Os serviços de assistência social, prestados pela Cooperativa aos seus funcionários, vêm sendo, sempre, ampliados de acordo com as necessidades e dentro das possibilidades previstas para este fim.

Na safra passada, a Cooperativa dispendera a importância de Cr\$ 239.989,00 assim distribuída:

	Cr\$
Assistência dentária	25.585,00
Assistência médica	165.292,90
Assistência à maternidade	42.940,50
Auxílio para funeral	3.370,00
	239.989,00

Pelo movimento dos serviços médicos que temos o prazer de apresentar abaixo, verão os nossos associados a extensão e a importância dos benefícios prestados aos nossos funcionários e às suas famílias:

	Assistência Médica:
Consultas no ambulatório	1.558
Consultas a domicílio	154
Injeções	2.754
Curativos	536
	Assistência dentária:
Consultas	124
Obstruções	238
Extracções	177
Limpeza	498
Moldes	34
Radiografias	105
Cautérios	12
	A Cooperativa, em obediência a dispositivos legais, concorreu com a sua parte e a contribuição dos seus funcionários para as organizações de assistência social, nos seguintes valores:
	Cr\$
I.A.P.E.T.C.	317.739,20
I.A.P.I.	176.957,80
L. B. A.	36.391,20
S.E.S.I.	59.374,50
S. E. N. A. L.	29.687,20
	620.149,90

De acordo com a autorização dos Usineiros, conforme vem sendo feito, desde que está em vigor o Decreto Lei n° 9.827, que criou a taxa de Cr\$ 2,00 por saco de açúcar para assistência social ao trabalhador, esta Cooperativa vinha descontando Cr\$ 0,50 por saco de açúcar para o serviço médico e hospitalar das Usinas nesta capital.

No exercício de 1950/51 a Cooperativa, devidamente autorizada, passou a descontar Cr\$ 0,80 por saco de açúcar da safra 1950/51, por conta da referida taxa, entregando-a, em sua maior parte, à Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco. Este desconto, que importou, na safra finda, em Cr\$ 6.413.000,00 foi assim distribuído:

Cr\$	
Hospitalar do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar	1.020.000,00
Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco	5.393.000,00
Hospital em construção	—
	6.413.000,00

FISCALIZAÇÃO

Como vem acontecendo todos os anos o Departamento de Assistência às Cooperativas, tem prestado sua fiscalização a esta Cooperativa, assim como a firma Deloitte Plender Griffith & Co. continuou orientando e fiscalizando a nossa contabilidade.

RELACIONES COM OS ORGÃOS AÇUCAREIROS E COM A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

A Autarquia que preside a orientação da política açucareira nacional, continuou a prestar os seus relevantes serviços, cumprindo eficientemente, sua missão, quer na sede da administração, quer na Delegacia Regional de Pernambuco, os produtores têm encontrado sempre boa acolhida, e esta Cooperativa, na defesa dos interesses que lhe são confiados, vem obtendo o apoio possível nos pleitos por ela intentados. E' de nosso dever esse justo registro. Na Comissão Executiva do L.A.A. E continuaram os interesses dos usineiros pernambucanos entregues a vigilância incansável do nosso operoso colaborador, dr Gil de Methodio Maranhão, merecedor da nossa confiança e dos nossos aplausos pela sua situação inteligente e decidida.

Temos encontrado, sempre, por vontade das autoridades federais, estaduais e municipais para solução dos problemas que interessam a indústria açucareira, principalmente por parte do exmo. sr. dr. Agamenon Magalhães, digníssimo Governador do Estado, que tem dispensado a melhor acolhida às nossas pretensões, intervindo a nosso favor nos justos pleitos por nós intentados.

A Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco, com quem mantém as melhores relações contínua representada junto ao Conselho de Administração desta Cooperativa pelo dr. Mário Lins e Melo, desvelado na defesa dos interesses da sua classe, com a justa compreensão dos problemas que aproximam usineiros e fornecedores de cana.

A todos, manifestamos a nossa gratidão pela valiosa colaboração que nos prestaram.

CONCLUSÃO

Esperando haver relatado com precisão e clareza todos os fatos ocorridos na safra finda, entregamos ao julgamento dos nossos associados o balanço geral do exercício 50/51, ficando ao dispor dos interessados para quaisquer esclarecimentos que desejarem.

Finalizando, apraz-nos ressaltar a operosidade e competência dos nossos funcionários, que muito concorreram para o bom êxito dos trabalhos executados, cumprindo-nos destacar a atuação do Gerente, sr. José Joaquim Dias Fernandes Filho, do sr. Antônio Tenório Valença, Contador e do sr. Carlos Selva, chefe do nosso escritório. A todos os nossos colaboradores os nossos sinceros agradecimentos.

Recife, 20 de novembro de 1951.

JOSE PESSOA DE QUEIROZ
Presidente

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA LUCROS E PERDAS

Em 31 de agosto de 1951

CREDITO

Cr\$
Taxa sobre produção cobrada aos Associados de acordo com o Artigo 14 dos Estatutos .. 8.053.267,00

DÉBITO

Cr\$
Despesas da safra 1950/51 .. 7.270.272,10
Depreciação sobre o Ativo Fixo, transferida para a conta «Reserva para Depreciações» .. 567.762,10 7.838.034,20
Sobra líquida do Exercício .. 215.232,80

DISTRIBUIÇÃO DAS SOBRAS:

Fundo de Reserva

10% — de acordo com o Artigo 16 dos Estatutos ..	21.523,30
Retorno creditado aos Associados	193.709,50 215.232,80

(s.a.) José Pessoa de Queiroz, Presidente

José Joaquim Dias Fernandes Filho — Gerente
Antônio Tenório Valença, Contador — C.R.C. n° 47.

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Nós abaixo assinados, membros efetivos do Conselho Fiscal da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada, usando das atribuições que nos são conferidas pelos nossos Estatutos sociais, tendo examinado minuciosamente os documentos, inventários, contas, balanço e demais peças constantes do Relatório da Diretoria, referente ao ano social findo em 31 de agosto último e verificando a perfeita regularidade dos negócios da Sociedade, somos de parecer que seja aprovada pela Assembleia Geral Ordinária a realizar-se em dezembro p. vidente, o mencionado Relatório, bem como todos os documentos em referência.

Recife, 14 de novembro de 1951.

(s.a.) Alfredo Bandeira de Melo
José Ranulfo da Costa Queiroz
Antônio Cyaneiros Cavalcanti.

NO IV CONGRESSO DE ESCRITORES BRASILEIROS

Declaração de princípios dos escritores democráticos

O IV Congresso de Escritores Brasileiros, promovido pela ABIDE nacional, reuniu em Porto Alegre, de 25 a 30 de setembro deste ano, representações de vários Estados, destacando-se, dentre elas, a do Pernambuco que, pela sua maioria, procurou liderar a corrente democrática do Congresso e assim que o mesmo não se transformasse em um conclave sectário. Dessa parte redigiram os escritores pernambucanos uma declaração de Princípios que recebeu o adesão dos mineiros, cearenses, alagoanos e baianos e que obteve ampla repercussão em todo o país. Lida na Câmara Federal, na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, e transcrita em seus respectivos anais, a Declaração de Princípios dos escritores democráticos também foi divulgada pela imprensa gaúcha, paulista, carioca, pernambucana, alagoana, baiana, cearense, além de ter sido transcrita pela "Revista Branca", do Rio, que a subscreveu, e em editorial da revista "Província de São Pedro".

Eis a já hoje histórica "Declaração de Princípios":

"Os escritores brasileiros, reunidos no seu IV Congresso, nesta cidade de Porto Alegre, sob a inspiração de deveres e responsabilidades que lhes são comuns, e

CONSIDERANDO:

1.) — que a liberdade de manifestar e formular o pensamento é essencial à plenitude da criação literária e artística;

2.) — que a arte e a literatura não podem ser por isso mesmo submetidas a quaisquer processos de controle ou de limitação;

3.) — que a democracia, sendo o único regime compatível com a dignidade da pessoa humana, deve ser defendida e preservada pelo escritor como uma condição de sobrevivência da sua liberdade criadora;

4.) — que o patrimônio cultural da civilização, cujos valores cumpre sejam defendidos, está ameaçado pelos preparativos bélicos em que ora se empenham as grandes potências mundiais;

5.) — que o ideal de paz, acima de tendências políticas, ideológicas ou religiosas, é um anseio universal e está na tradição do povo brasileiro;

6.) — que é dever do escritor pugnar pelo livre curso das idéias e pelo livre acesso às fontes de informações, como meio de assegurar o intercâmbio cultural e a convivência pacífica entre os povos;

(Continua na pg. 14)

I Exposição de Pintura de Jorge de Lima

I Exposição de pintura de Jorge de Lima, promovida pela revista NORDESTE — 35 telas no saguão do Gabinete Português de Leitura — Não estavam à venda mas o público exigiu comprá-las — Acontecimento artístico de grande relevo na vida recifense

A I exposição de pintura do poeta Jorge de Lima, realizada em outubro último pela revista "Nordeste", constituiu um acontecimento artístico de relevo inédito na vida cultural nordestina. Pela primeira vez, no Brasil, o poeta Jorge de Lima, figura muito conhecida e admirada em todo o país, consentiu que seus quadros formassem numa exposição pública.

35 quadros a óleo, representando várias fases da pintura de Jorge de Lima, foram expostos no saguão do Gabinete Português de Leitura durante 15 dias. O grande número de intelectuais, artistas, homens do povo e famílias que acorreram ao local da exposição atestam o prestígio do nome de Jorge de Lima no Recife.



CORAL DAS DONZELAS — tela a óleo de Jorge de Lima que figurou na sua exposição no Recife

Muito concorreu para o teos de Lima e o "conteur" éxito da mostra de arte, o Carlos Alberto Mateos de Jurema, Altamiro Cunha, irmão do poeta, sra. Ma-Lima a quem coube organizar o catálogo que "Nordeste" imprimiu para distribuição entre os visitantes.

Os quadros de Jorge de Lima, que se intitula sempre de um "amador" em artes plásticas muito embora tenha merecido as melhores referências de nomes como Santa Rosa, Bernanos, Sérgio Milliet e outros, não estavam à venda, mas apareceram os admiradores e exigiram que o poeta os vendesse por qualquer preço. Isto demonstra o interesse que despertou em todas as camadas a arte viva e poética do pintor e poeta brasileiro que mereceu, no Recife, crítica das mais entusiásticas como as de Olívio Montenegro, Mauro Mota, Aderbal Lúcio e outros.



Aspecto parcial da grande assistência, vendo-se escritores, jornalistas e famílias que compareceram ao ato de inauguração

Outro aspecto das pessoas que compareceram à mostra de arte de Jorge de Lima, promovida pela revista NORDESTE



ÁLVARO LINS NA CATEDRA DO PEDRO II

O tradicional Colégio Pedro II, do Rio, viveu dias de intensa vibração intelectual com o concurso de Literatura em que quatro candidatos da primeira ordem disputavam as horas da catedra. Proclamado o resultado, coube ao escritor pernambucano Álvaro Lins a melhor classificação, confirmando-se, dessa forma, a cultura e a inédita crítica do autor da tese "Da técnica de romance em Marcel Proust".

Com o ingresso definitivo de Álvaro Lins na sua congregação, a tradição cultural do Pedro II encontrará no escritor pernambucano um dos seus mais vigorosos e brilhantes continuadores.



GRANDE PRÉMIO "GOVERNO DO ESTADO" — A comissão julgadora do X Salão Anual de Pintura do Estado concedeu, este ano, o "Grande Prêmio Governo do Estado" à jovem pintora pernambucana Ladjane Bandeira de Lira que pela primeira vez expôs no salão oficial de Pernambuco. A jovem artista, ilustradora de NORDESTE, concorreu com quatro trabalhos, tendo sido premiada com o quadro intitulado "GUERRA" que reproduzimos acima, numa fotografia de Arlindo.



SUMÁRIO

Manifesto dos Artistas Cearenses
Declaração de Princípios dos Escritores Democráticos

I Exposição de Jorge de Lima
Artigos de Aderbal Jurema, Gláucio Veiga, Altamiro Cunha, Antônio Girão Barroso, Yvonilde Souza e Campomizzi Filho

Poemas de Guerra de Holanda
Conto de Vinícius de Gama e Melo
Ilustrações e vinhetas de Ladjane Tópicos - Reportagens - Bibliografia

